

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil..... um anno 9\$000
União Postal..... » » 10\$000
Para o Brasil..... 6 mezes 5\$000

SUMMARIO

Alexina de Magalhães Pinto..... Judith Gitahy de Alencastro
Programmas pedantescos... Ignacio do Amaral
Anormaes e retardados nas escolas Pires Ferrão
Memoravel periodo historico da instrucção nacional..... F. Cabrita
O desenho no ensino da Historia do Brasil..... N. C. F.

Pratica da linguagem..... Anna Queiroz Lopes
O ensino da Arithmetica..... Maria Coelho Pereira

Atravez das revistas:

Algumas palavras sobre a educação { Helena
A correcção dos trabalhos escolares }

LICÇÕES E EXERCICIOS

Alexina de Magalhães Pinto

Jamais viu o magisterio do nosso paiz, entre as figuras femininas, alguma de valor igual ao daquelle espirito cujo nome encima estas linhas.

Não obstante a obscuridade em que nos procuramos manter, não nos é possível deixar de dizer algo sobre essa, cuja distincção rara se impunha á simples vista.

Quando, entre as fileiras das normalistas, em 1899, appareceu, desde logo conquistou, sinão o coração, pelo menos a admiração de dezenas de collegas para as quaes, bonissimamente, se constituiu repetidora eximia (e, muita vez, mais bem dotada de clareza e concisão), das lições, nem sempre alinhavadas a primor, de alguns lentes de então.

Destacara-se desde esse tempo; pois, viajada e instruida, o repositório de seus conhecimentos geographicos, historicos, scientificos e literarios era vasto e pouco commum entre as jovens da sua idade.

Conhecendo bem a musica, o desenho, a pintura, em poucos minutos esboçava qualquer modelo, com grande desespero nosso de jamais conseguir tal precisão e dextreza de vista e traço.

Não raro o valor mental de alguns estudantes e sua applicação despertam, entre seus emulos, rivalidades e invejas que envenenam as relações escolares; mas a superioridade de Alexina era tal, bem como sua modestia, bondade e desejo de ser prestavel a todos, que eu julgo não ter a sua personalidade suscitado nunca taes sentimentos inferiores.

Fez com brilhantismo todo o curso normal, angariando desde logo sympathias, relações perduraveis, sincerissima estima.

Consciencia delicada, coração meigo e devotado, não esqueceu pelas conveniencias da assiduidade escolar e futuro accesso, seus deveres para com uma parenta valetudinaria, á qual laços de affeição e gratidão, mais que os do parentesco, a prendiam. Cinco annos acompanhou essa enferma, labutando então em pról do ensino em Minas, seu estado natal, com a proficiencia que justamente lhe reconheceu Carvalho de Britto. Tornou-se nessa epocha um dos principaes factores da reforma e melhoramentos da instrucção mineira, restando desse periodo, se me não engano, um folheto intitulado «Lista de livros uteis aoprofessorado».

Entregou á publicidade varias obras: algumas relativas ao folk-lore nacional, outra encerrando hymnos e canções brasileiros, outra — collectanea vista de proverbios portuguezes. Eram em numero de sete os seus trabalhos até o anno de 1916, em que a respeito de difficuldades de impressão longamente conversámos.

Alma aberta aos mais alevantados ideaes, preocupavam-na de continuo as condições do proletariado nacional, dos pobres, dos mendigos, das brancas escravizadas. Quiz, ha tres ou quatro annos, organizar uma serie de conferencias «tinentes aos «Serviços sociaes», convidando homens de valor para minuciosamente estudarem taes questões e a respeito dellas discorrerem.

Realizados foram alguns convites, abortando, porém, tal desideratum em virtude dos motivos cuja exposição seria superflua.

Commovida até ás lagrimas vimol-a dirigir-se á Irmã Paula — essa benemerita e adoravel encarnação do amor ao proximo — com ella tentando organizar o serviço de pesquisa e soccorro dos sem trabalho — cohorte vastissima que enchia as calçadas da Rua Pereira da Silva, em demanda das parcas migalhas ahi distribuidas. Soluçava, na santa indignação de que sobre as proliferas riquezas do nosso sólo, podesse haver necessidade, miseria, o pranto amarissimo dos sem pão.

Era um espirito elevadissimo, encarnando qualidades varias, a par da lucida cerebração.

Sem filhos, o amor ás creancinhas levou-a a preocupar-se grandemente do problema da instrucção das classes maternas, conhecendo a fundo a organização dos jardins de infancia europeus e americanos. Com evangelica paciencia, delicadeza inexcedivel e proficiencia sem par, dirigia na «Escola de Applicação» uma dessas turmas.

Referencias elogiosas innumeradas tive occasião de ouvir dos que puderam contemplar essa incomprehendida missionaria a cujo valor jámais deram o posto de destaque que lhe competia.

E é profundamente lamentavel que se não tivesse creado nunca um jardim de infancia modelo que, entregue á eximia direcção dessa que a morte tão desastradamente nos roubou, seria, com proveito para toda a collectividade, um justo padrão de gloria para a Instrucção da Capital da Republica.

Judith Jitahy de Alencastro

I-IDEAS E FACTOS

PROGRAMMAS PEDANTESCOS

Quem buscar os motivos dos defeitos do nosso ensino, desde a escola primaria até a faculdade superior, tanto nos estudos scientificos como nos puramente profissionaes, deparará facilmente com uma lamentável falta de comprehensão do destino e da utilidade dos differentes cursos, revelada pelos planos de estudos e programmas das diversas disciplinas.

Possuimos bom numero de institutos de ensino, desses que não se sabe ao certo o que são nem para o que foram organizados, pois que os seus regulamentos e programmas não definem claramente o character theorico ou pratico da instrucção que nelles deva ser ministrada. Pertencem a essa cathegoria até escolas profissionaes de gráo superior em que a deficiencia do ensino pratico impede a regular preparação technica dos seus alumnos e a limitação e lacunas do ensino theorico tiram aos seus cursos o character proprio aos estudos especulativos das faculdades de sciencias.

Aos males dos planos de cursos tratados a esmo, sem a directriz de um ponto de vista doutrinario, alliam-se, em geral, os inconvenientes ainda mais graves da organização dos programmas das differentes disciplinas sem a inspiração de um objectivo commum, que os torne harmonicos e limitados ás necessidades do ensino, que cada instituto deva ministrar para bem prehencher os fins que dictaram a sua criação.

A preocupação de exhibir cultura larga e dilatados conhecimentos parece dominar os espiritos dos autores dos nossos programmas, pois quasi todos elles se esforçam por apresentar o trabalho mais alentado, pejado das mais recentes conquistas da sciencia, embora na maioria dos casos taes conquistas só sejam conhecidas pelas informações summarias das bibliographias de revistas de vulgarisação.

E' esta a genese desses programmas aleijões, verdadeiras montruosidades pedagogicas que nem os seus proprios autores podem executar regularmente.

Mas, quando podessem cumpril-os materialmente, dando todas as lições nelles prescriptas como um consciencioso empregario theatral, que se desobriga perante os seus assignantes com a execução

de todo o repertorio anunciado, pouco ou nenhum seria o aproveitamento dos alumnos obrigados a acompanhar cursos desse jaez.

Esquecem-se os autores de taes programmas que o papel do mestre no ensino não é o do repositorio vivo de conhecimentos, incumbido de, periodicamente, despejal-os sobre um auditorio de discipulos, em descargas regulares, dosadas *a priori* segundo um plano pre-estabelecido.

A função do mestre, desde a escola primaria até os estudos superiores, é a de um guia encarregado de conduzir o discipulo á rapida descoberta, por si mesmo, dos conhecimentos que a humanidade tem incorporado ao patrimonio do seu saber, graças aos continuados esforços das gerações successivas.

Mesmo no ensino superior, ministrado por meio de preleções e de conferencias e onde o methodo intuitivo menos applicação parece encontrar, a tarefa do professor não é a de um compendio falante, valendo unicamente pela exactidão da doutrina transmittida e pela clareza do estylo em que seja feita tal transmissão. Hoje até no ensino universitario o "lente" cedeu o logar ao "professor", desaparecendo aquelle typo classico de um mero repetidor de apostilas "lidas", para se transformar em um docente, de quem se exigem outros predicados e mais delicada tarefa.

Nenhum professor digno de tal nome, será capaz de contestar que a preocupação capital do ensino deverá consistir no aproveitamento das iniciativas do discipulo para a descoberta da verdade, para a aquisição do conhecimento, cuja conquista cabe ao mestre promover e facilitar, afastando todos os obstaculos, mas que, de facto, será feita pelo alumno.

E' certo que a tarefa do mestre assim encarada terá a sua mais perfeita realisação no ensino individual. O ensino collectivo por meio de preleções e de conferencias exige do professor qualidades eminentes para que a sua função de mestre não se subalternise ao papel de um "lente" que substitua a "leitura" pela "recitação" de lições previamente ensaiadas.

Pode-se mesmo affirmar ser muito difficil obter de um professor de curso superior, leccionando por meio de prele-

ções, um pouco mais do que as qualidades de um bom conferencista.

Mas, por maiores que sejam as difficuldades do exercicio da função magistral no gráo superior, nem mesmo em institutos dessa cathegoria se justifica a existencia de programmas elaborados com a exclusiva preocupação de exhibir conhecimentos, e pelos quaes a missão do mestre fique adstricta ao recitativo de licções que não possam ser assimiladas pelos seus ouvintes.

Entretanto, infelizmente, taes programmas se encontram, entre nós, não só nas escolas secundarias e nos institutos superiores, mas até no ensino primario, onde a pedantesca preocupação de alardear sabença tem encontrado oportunidade propicia para se manifestar.

Boa prova do que fica dito terá o leitor que se dê ao trabalho de compulsar os "programmas de ensino para as escolas primarias diurnas" da Prefeitura do Districto Federal, adoptados em Março de 1920 e que ainda devem vigorar no anno lectivo de 1921. Segundo esses programmas, os alumnos das escolas primarias da capital da Republica devem dilatar as suas cogitações até a physiologia do systema nervoso, e os estudos historicos que delles são exigidos dão ideia de que houve o intuito de transformar as aulas do curso primario em verdadeiras classes de bacharelado.

Em mais modesta cathegoria não pode, de facto, ser classificado um curso de Historia em cujo programma o leitor encontrará pontos deste jaez:

— "O homem primitivo e o homem civilizado";

— "O que nos deixaram de importante os Egypcios, Assyrios, Caldeus, Phenicios, Hebreus, Arabes, Persas, Gregos e Romanos";

— "Influencia dos Barbaros sobre os Romanos. Resultados para a civilisação";

— "Origem de Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Alemanha";

— "Causa, efeitos e resultados da Revolução Franceza";

— "Influencia dos Estados Unidos e da Europa sobre o espirito do povo brasileiro";

— "O poder executivo, o poder legislativo e o poder judiciario"; etc.

Não resta duvida que emquanto a instrucção primaria for ministrada nas escolas officiaes segundo programmas dessa ordem será inutil pensar num eficaz combate ao analphabetismo, de accordo com um plano de acção intelligente e exequível.

O problema da alphabetisação de uma numerosa população em idade escolar exige, da autoridade que se propuzer a resolvel-o, pelo menos, os rudimentares conhecimentos de arithmetica necessarios para a apreciação das possibilidades de solução tendo em vista o lado financeiro da questão.

E demonstra nem siquer ter pensado nesse aspecto do problema quem se propõe a incrementar a difusão do ensino primario transformando escolas de primeiras letras em caricaturas de lyceus ou arremedos de cursos de bacharelado.

Ignacio do Amaral.



ANORMAIS E RETARDADOS NAS ESCOLAS

Ainda recentemente foi tratada no Conselho Municipal, e largamente repercutiu na imprensa diaria, a importante questão da educação e ensino dos anormais e dos retardados escolares. Aliás, nos ultimos tempos de sua direcção na Instrucção Publica o illustrado Prof. Dr. Leitão da Cunha iniciou providencias para estabelecer este ensino, mas a sua saída do cargo veio impedir que as levasse por deante.

Não cabe em um ligeiro artigo o estudo da questão, que já tão grande bibliografia conta; menos ainda se póde aqui fazer a análise dos diversos métodos empregados no ensino dos anormais. Pretendemos fazer apenas algumas considerações sobre tão importante assunto.

Confrontando as diversas classificações de anormais e respigando o que nellas se encontra de bom, julgamos razoavel uma que os considere divisiveis em *anormais psíquicos e físicos*.

No primeiro grupo temos a incluir os anormais por *deficit mental* e os *instáveis*.

Naturalmente que dos anormais por *deficit* mental teremos que excluir, por não serem *anormais escolares*, os *idiotas* e os imbecis (considerados estes termos no seu sentido médico), incapazes os primeiros de receber qualquer ensino, tão baixo o seu nível mental, e passíveis os segundos de algumas aquisições, principalmente no campo dos trabalhos manuaes, que não exijam senão um trabalho mental muito rudimentar. A estes anormais chamam alguns autores francezes, com muita propriedade, *anormais de asilo*.

Ainda excluidas do numero dos *anormais escolares* devem ser algumas crianças que a um *deficit* mental mais ou menos grande aliam uma verdadeira *loucura moral*. A excluir tambem são os epilepticos impulsivos. A eliminação da escola dos epilepticos convulsivos, histericos com crises, coréicos e tiquistas se faz, não pelo seu estado mental, muitas vezes optimo, mas para evitar a sugestão e imitação por outros alunos.

Compreende, pois, a subclasse dos anormais por *deficit* psiquico todos os graus de debilidade mental, desde os limites da imbecilidade até os da mentalidade infantil normal.

As crianças desta sub-classe representam principalmente na escola um empecilho á boa marcha dos trabalhos, porque são o "peso morto" nas classes: geralmente apáticos, incapazes de seguirem o ensino ministrado ás crianças normais, obrigam o professor a demorar-se demasiadamente no esforço de transmitir-lhes noções que, as mais das vezes, não compreendem nem retêm.

Na sub-classe dos instáveis encontram-se, ás vezes, como primeiros alunos das turmas de normais, os talentos brilhantes e precoces, que perturbam, entretanto, a boa marcha dos trabalhos por seu temperamento irrequieto. Outras vezes, embóra com facilidade de apreensão e compreensão, alguns instáveis não aprendem convenientemente pela impossibilidade de prestarem atenção ás lições.

E' necessario, entretanto, admitir um tipo mixto das duas sub-classes mencionadas pelos instáveis que apre-

sentam deficit mental em grau mais ou menos acentuado.

O segundo grupo, dos *anormais fisicos*, compreende aquêles alunos que, por um defeito de visão ou audição, têm dificuldade em compreender as lições e ficam atrasados na sua classe escolar. Quando o defeito fisico atinge ou se aproxima muito da cegueira ou da surdez completa (e, quando congenito ou muito precoce, este *deficit* auditivo acarreta sempre a mudez concomitante) obriga, naturalmente, a exclusão das crianças assim afectadas do numero dos *anormais escolares*, e torna-as carecedoras de métodos especialisados de ensino, applicaveis em institutos apropriados.

Ao passo que os *anormais fisicos* com tratamento adequado, se forem curaveis, e colocados perto do mestre se forem surdos, ou em posição conveniente em relação a quadros negros e mapas muraes, se tiverem defeito visual — poderão seguir perfeitamente as classes normais, os anormais *psiquicos* necessitam ensino especial, em classes ou escolas que lhes sejam exclusivamente destinadas.

De módo rapido, sem entrar em minucias sobre sua organização, vejamos as vantagens que sobre as escolas para anormais apresentarão, entre nós, as classes especiaes anexadas ás escolas para crianças normais.

A organização de classes para anormais — *classes de aperfeiçoamento*, como se denominam na França, instaladas nas escolas primarias comuns, facilita a sua existencia em toda a cidade com uma despesa muito reduzida, o que permitirá a sua criação imediata.

A instituição de escolas especiaes acarretaria despesas enormes, porque, dada a superficie consideravel do Districto Federal, não se poderia pensar em centralisar em algumas escolas o ensino de anormais. Mesmo que se pretendesse criar uma apenas em cada districto escolar, seria isso um absurdo, pela extensão consideravel destes districtos e pela inconveniencia de locomover de pontos afastados crianças que, justamente por suas condições anormais, exigem maiores cuidados.

As *classes de aperfeiçoamento*, usando salas que nas escolas comuns lhes se-

jam destinadas, e que deverão ser, tanto quanto possivel, afastadas das salas das classes normais (pois o regime de ensino especial poderia, pelos canticos e jogos que entremeiam as lições, distrair os alunos destes) terão horarios organizados de fórma que permita o aproveitamento do pateo da escola o maior numero de vezes possivel, e sempre quando lá não estejam os alunos normais.

A *escola para anormais* provocaria entre nós a repulsa das familias que não quereriam confessar publicamente a inferioridade psiquica de seus filhos. Aliás esta repulsa se tem feito sentir em toda a parte em que se adoptam as escolas especiaes, inclusive na Alemanha onde a legislação lhes dava todo apoio.

Na escola comum, a criança, uma vez matriculada e verificada a sua anormalidade, será incluída em uma classe especial — *classe de aperfeiçoamento* — com a promessa, não vã, mas realisavel em muitos casos, de ser incorporada á classe ordinaria logo que o ensino especializado a coloque em condições de acompanhá-la satisfatoriamente.

Se tal não se dér, por circunstancias particulares a determinados casos, continuará a criança sempre na classe de aperfeiçoamento, esperando a prometida passagem e colhendo os frutos do ensino individual e especializado.

A inclusão de uma criança na classe de aperfeiçoamento não demandará mais formalidades que a verificação de sua anormalidade em relação ás demais crianças feita pela professora e a confirmação desta verificação pelas autoridades competentes — o inspector e o medico escolares, sendo que a este cabe determinar a natureza da anormalidade e aconselhar providencias de caracter medico-pedagogico a tomar.

A aquiescencia da familia da criança a esta providencia póde e deve ser inteiramente dispensada; trata-se de um acto puramente administrativo na escola. Nos regulamentos francezes de ensino o consentimento familiar é pre-

visto e alguns autores, comentando este facto, confessam que este escrupulo regulamentar só tem trazido inconvenientes ás proprias crianças anormais.

Para a matricula em uma *escola de anormais* (qualquer que seja o nome que se lhe dê) é imprescindível a colaboração da familia da criança. Mesmo que o ensino se tornasse obrigatorio seriam empregados pelas familias todos os meios para burlar a lei e evitar que fosse divulgada a anormalidade de seus descendentes.

Ainda favoravel á boa aceitação das classes de aperfeiçoamento será a circunstancia de que nas escolas comuns deverão ser estabelecidas tambem clases especiaes para os *retardados pedagogicos*. Sob esta designação são considerados os alunos normais que pelo inicio tardio dos estudos ou pela irregularidade com que os tenham feito, estejam em classe inferior áquela em que, por sua idade, deveriam estar. O termo *retardados*, proposto por alguns autores para substituir o de *atrazados pedagogicos*, mais usado, afigura-se-me mais vantajoso por evitar confusão com os *atrazados mentaes*, que são anormais psiquicos, mas que tambem têm atrazo pedagogico.

Os *retardados*, incluídos numa classe comum, serão fatalmente prejudicados porque, de idade mais avançada que os demais alunos da turma, terão capacidade mental para estudos mais adiantados e, submetidos a regime adequado, teriam probabilidades de alcançar a turma que lhes competia.

Tudo, pois, faz-me pender para a criação de *classes de aperfeiçoamento* e *classes para retardados* nas actuaes escolas primarias municipaes, desde que se lhes deem instalação conveniente. Esta providencia não deve ser mais protelada, porque promiscuidade de alunos nas classes comuns acarreta inconvenientes que diariamente são verificados.

Pires Ferrão
Medico Escolar

MEMORAVEL PERIODO HISTORICO DA INSTRUCCÃO NACIONAL

IV

No decreto de 25 de Janeiro de 1812 diz o Principe: «..... movido pelo constante impulso da minha real disposiçao a promover publica prosperidade, sou servido crear nesta Côrte do Rio de Janeiro um laboratorio chimico-pratico, ficando o respectivo ministro encarregado de fazer chegar ao meu conhecimento todos os resultados de analyses e pesquisas com as observaçoens analyticas e descripçoens que forem necessarias para se poder, na applicação pratica, tirar todas as vantagens e interesses nacionaes que me proponho nesta creação.» (O grypho é sempre nosso)

Não foram infelizmente realizadas logo tão magnanimas aspirações. Até 22 de Outubro de 1819 — «não se tendo podido por muitos e diversos inconvenientes organizar como convinha o estabelecimento do laboratorio» — foi este suspenso, tendo sido, entretanto, immediatamente por decreto de 27 do referido mez e anno creado um outro, por ser julgado «muito conveniente promover os conhecimentos praticos da chimica, para se poderem conhecer perfeitamente pela analyse as vantagens que a agricultura, as artes e a pharmacia podem tirar dos muitos e preciosos productos com que a natureza enriqueceu o Brasil.»

Grande foi a importancia dada, a justo titulo, pelo governo de D. João ao ensino da Chimica. A carta-regia de 28 de Janeiro de 1817 ao Conde dos Arcos, governador da capitania da Bahia, é documento que honra sobremaneira o referido governo. Transcrevamo-la no que ella tem de grandioso para reverente culto á memoria de D. João e do seu grande Ministro o Conde da Barca.

«Sendo indispensavel, não só para o progresso dos estudos de medicina, cirurgia e agricultura, que tenho mandado estabelecer nessa cidade, mas tambem para o perfeito conhecimento dos muitos e preciosos productos com que a natureza enriqueceu este Reino do Brasil, que se ensinem os principios theoricos e praticos da Chimica, e seus differentes ramos e applicações ás artes e á pharmacia: Hei por bem crear nessa cidade uma cadeira de Chimica, regulada provisoriamente pelas instruçõens que com esta baixam assignadas pelo Conde da Barca..... E porque muito convem que

deste e de outros semelhantes estabelecimentos se colham as vantagens que tenho em vista a bem da instrução publica e de que tanto depende a agricultura, industria e commercio: Sou outrosim servido ordenar que no fim de cada um anno lectivo façaes subir á minha real presença, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Brasil, uma circunstanciada conta dos resultados de todos os cursos scientificos e praticos da agricultura, chimica, medicina e cirurgica que tenho ahí creado, com a informação competente sobre a conducta, assiduidade e prestimo de cada um dos Lentes, para que com cabal conhecimento de todas as particularidades, eu haja de dar as ultiores providencias que me parecerem convenientes.»

Juntemos a esta carta, que tão alto falla em favor dos prestimosos serviços de D. João á nossa patria, juntemos as utilissimas instruçõens a que ella se refere:

1.º O Lente da cadeira de chimica ensinará a theoria chimica, em geral por um compendio da sua escolha, emquanto elle não compuzer um proprio na lingua portugueza, que contenha com conveniente precisão e clareza todas as noções que deve ensinar aos seus discipulos. E achando-se traduzida na lingua vulgar a philosophia chimica de Fourcroy, bom será que, emquanto não ordena o seu compendio, use della para poder ser mais geral este estudo, fazendo-lhe os adiantamentos que lhe forem necessarios.

2.º Dadas as lições geraes de chimica, passará ás applicações desta tão interessante sciencia ás differentes artes e ramos de industria.

3.º Fará todas as experiencias e analyses que forem necessarias, procurando dar aos seus discipulos toda a agilidade e pericia na pratica das operações chemicas, tendo sempre em vista nas suas lições theoricas e praticas tudo quanto for relativo á pharmacia, agricultura, tinturaria, manufactura do assucar, e á extracção, não só das substancias salinas, de que se possam colher utilidade, mas tambem dos oleos, bitumes, resinas e gomas.

4.º Dará lições praticas de docimaistica (sic) e explicará as differentes construcções dos fornos de diversas especies, tendo particular attenção ao trabalho das minas de ferro, e de outros metaes, de que abunda o Reino do Brazil, para que possam ser utilmente aproveitados.

6.º No tempo das ferias observará com os seus discipulos os terrenos visinhos da cidade da Bahia, para lhes explicar as suas formações e ao mesmo tempo colher os productos mineralogicos que encontrar, e achar dignos de observação, para servirem ás suas lições, e serem guardados no gabinete de mineralogia, que se deve formar, sendo para esse fim convidados todos os que acharem algum fossil, a fazer entrega delle no dito gabinete, pagando-se o seu justo valor aos que o exigirem á custa da Real Fazenda, e pela folha das despezas do laboratorio chimico, que o Governador e Capitão General tará construir com a conveniente economia, entendendo-se com o Lente.

.....

8.º Um anno depois da abertura da aula de chimica não se permittirá exame de pharmacia sem que preceda o de chimica, sendo obrigados ao estudo de chimica todos os que destinarem á cirurgia, medicina, e ao officio de boticario.

9.º Serão admittidas á aula de chimica todas as pessoas que quizerem instruir-se em tão importante sciencia, seja qual for o seu destino ulterior..»

Ainda ha quem diga, historiador que affirme, que D. João não se occupava com cousa séria!

Tambem, do ensino da Agricultura, foi o Principe prestimoso e bem orientado precursor, como se vê pela carta regia de 25 de Junho de 1812, dirigida ao referido Conde dos Arcos:

«Sendo o principal objecto dos meus vigilanse cuidados o elevar ao maior grau de opulencia e prosperidade, de que forem susceptiveis pela sua extensão, fertilidade e vantajosa posição, os meus vastos Estados do Brasil; attendendo a que a agricultura, quando bem attendida e praticada, é sem duvida a primeira e a mais inexaurivel fonte da abundancia e da riqueza nacional;.....

.....hei por bem que se estabeleça immediatamente um Curso de Agricultura na Cidade da Bahia para instrução publica dos habitantes dessa Capitania, e que servirá de norma aos que me proponho estabelecer em todas as outras Capitanias..»

A essa carta, em que se salientam as vantagens do conhecimento dos bons principios agronomicos e dos processos e machinas ruraes, acompanharam minuciosas instruçõens para o ensino e divulgacão systematica da alludida disciplina.

Por decreto de 9 de Dezembro de 1814 foi creada aqui no Rio de Janeiro, uma cadeira de Botanica e Agricultura, tendo sido tomadas em consideração — diz o decreto — «as grandes vantagens que se devem esperar da propagação de tão importantes conhecimentos num paiz dotado pela natureza de tão ricos productos, e que por falta de bons principios de agricultura não tem chegado á prosperidade que lhe é destinada..»

Entretanto, não subsistiram os patrioticos intuitos desse benemerito governo e... mirabile visu! mirabile dictu!... só muito recentemente foi creado, de facto, nesta cidade, o ensino da Agricultura.

(Continúa)

F. Cabrita

Livraria Drummond

Livros escolares, de direito, medicina, engenharia, literatura, - Revistas, - Mappas Material Escolar. — Aos Snrs. professores concedem-se os descontos de praxe.

Rua do Ouvidor, 96 Tel. Norte 5667 - Caixa Postal 785 - End. Teleg. Livromond RIO DE JANEIRO

Pallidez da Face

Agentes geraes: CARLOS CRUZ & C.

A anemia, a chlorose, a neurasthenia, o excesso de trabalho, etc., causam ás senhoras a pallidez da face, tornando-as apprehensivas e tristonhas. As PILULAS FORTIFICANTES do Pharmaceutico Carlos Cruz fazem desaparecer esse flagello. São vendidas em todas as pharmacias e drogarias.

Rua S. Bento, 3 -- Rio de Janeiro



O DESENHO NO ENSINO DA HISTORIA DO BRASIL

Facto que se realize, por mais trivial que seja, deixa sempre na retina dos circumstantes imagens que a memoria guarda.

O tempo, aos poucos, amortece-lhes as cores, deturpa-lhes os contornos, desfigura-as e, quando, para reconstrucção das scenas vistas, as evocamos, a phantasia é quem se encarrega de avivar-lhes coloridos e feições.

Nem apercebemos que tomam feitiço novo; e, comtudo, só por meio dellas, a lembrança dos factos conservamos.

Fornecem-nos os acontecimentos imagens colhidas no local e no momento mesmo em que se passam: podemos, porem, tel-as pela imaginação creadas ao poper magico da palavra.

Apresentam-se-nos em serie, mais ou menos numerosas; destacam-se algumas, sobrelevando, no espirito, sobre as demais, uma só que synthetisa o facto.

Exemplo. Assistimos aos effeitos de forte ventania.

Na rua levanta-se o pó em largos turbilhões que escurecem o ar; extorcem-se a gemer as grandes arvores, ao vento se encurvando. Mão nas abas do casaco, mão nas saias ou no chapéu, fogem homens, mulheres e crianças.

Rimos de ver as figuras mais ou menos grotescas que se cruzam.

Fragil criança surge ao longe. Traz uma garrafa de leite e, como todos, foge. Cai. Derrama-se o leite. Desesperada chora. Alguem socega-a. Levanta-se a soluçar e amedrontada retorna á casa. Quantas imagens!

O cinema as utilisaria todas, o autor de contos mudos aproveitaria algumas e o pintor apenas escolheria uma, a imagem synthese, a de mais interesse, a unica capaz de evocar as diferentes scenas.

Em nada differem os factos historicos dos communs da vida. Sendo-nos transmittidos por meio da palavra em mais os menos perfeitas narrações e não podendo guardal-os sem o precioso auxilio das imagens, emprestamos-lhes as que a nossa mente cria, coloridas ao nosso gosto e geito.

Para perdurar precisam ter nitidas cores, bem delineado contorno e destacar-se em fundo cheio de luz; pre-

cisam, sobretudo, de movimento, precisam de vida.

Evocados em aula os factos historicos se gravarão tanto melhor na memoria das crianças quanto mais viva, mais animada e perfeita fôr a narração.

Se aos alumnos ensinarmos a contemplar na propria mente as imagens que se succedem suscitadas pela leitura ou narração de viva voz dum facto, a distinguir as principaes e a destacar a imagem synthese, poderemos, por meio do desenho, tomar conhecimento do gráo de apprehensão de cada um. Basta, para isso, fornecer-lhes os necessarios apetrechos e pedir-lhes desenhem as scenas principaes ou, pelo menos, aquella que, a seu ver, synthetisa o acontecimento.

Não são poucas as passagens da Historia do Brasil que offerecem assumptos para semelhantes exercicios.

O descobrimento nol-os fornece numerosos. A entrega da bandeira com a cruz de Christo a Cabral, a esquadra garbosamente partindo do Tejo, velas enfunadas e bandeiras brancas no tope dos mastros; os primeiros signaes da terra á vista; o monte Paschoal, a primeira missa...

Mais tarde, a lenda de Caramurú, os costumes e genero de vida dos indios, os instrumentos de que se serviam; no governo geral, a chegada de Thomé de Souza, a fundação da cidade da Bahia cercada de páos a pique, com as suas casas cobertas de palmas de coqueiro, construida pela gente e soldados que trouxe o governador; depois, o symbolo da novel metropole — alva pomba em campo azul com um ramo de oliveira no bico e a legenda; *Sic illa ad arcam reversa est*. E assim por diante.

A questão é saber escolher as scenas e descrevel-as com clareza, provocar nos alumnos o interesse e fazer que *imaginem* bem o que desejam desenhar.

Com o fim unico de ajudar a memoria pelo auxilio que prestam á imaginação, esses desenhos, sem pretensões de arte nem mesmo de verdade historica, podem ser executados por crianças desde os sete annos.

Dispostos em serie nas folhas dum caderno, constituem para cada alumno, pequena historia pittoresca cujas imagens evocam facilmente os episodios descriptos em aula.

N. C. F.

II-A ESCOLA

PRATICA DA LINGUAGEM

Exercicio de formação de phrases á vista de uma prova

Preparar um exercicio de composição de phrases á vista de uma gravura que representa um jardim, no qual se vêem uma moça junto a uma menina que estuda e um menino cujo semblante é muito alegre. Ao fundo da mesma notam-se um cão e um canteiro com varias flores, onde se acha uma gallinha.

(Methodo adoptado por Menezes Vieira).

A professora depois de apresentar a gravura aos alumnos, começa a interrogal-os.

— Que vês naquella gravura, Alda?

— Uma moça, um menino e uma menina.

— Responde-me: na gravura vejo uma moça, um menino e uma menina.

Tende, meus filhos, o cuidado de responder sempre em phrases completas, sim?

Onde estão essas pessoas, em casa ou ao ar livre, Margarida?

— Essas pessoas estão em um jardim.

— Muito bem.

Que vês ao fundo da gravura, Nice?

— Vejo, ao fundo da gravura, um canteiro coberto de flores.

— Sabes de que côr são essas flores, Neusa?

— Sei, sim senhora; são de muitas côres.

— Pois bem, em vez de dizeres de muitas côres, dirás que são de varias côres. Ouviste?

Como se acham vestidas ou trajadas as pessoas que ahí estão, Oswaldo?

— A moça está de saia escura e blusa branca, a menina toda de branco com um laço de fita azul no cabello e o menino com uma roupa muito pobre, cheia de remendos.

— Uma roupa "cheia" de remendos ou uma roupa "remendada", são a mesma cousa. Quem está mais alegre, Maria da Gloria?

— Parece ser o menino.

— Muito bem.

Por que será que o menino está com o rosto, com o semblante ou com a physionomia tão alegre, Stella?

— Elle soube a lição.

— Não, minha filha, foi porque quando elle sahía da escola achou na calçada uma nota de dez mil réis.

Voltou para ir entregal-a á professora e em caminho encontrou uma senhora que, muito afflicta, a procurava; apezar de sua pobreza, elle lh'a entregou.

— O menino tem razão para ficar satisfeito, Luiz?

— Não sei.

— Não sabes? Não sabes então que quando praticamos uma boa acção, nosso coração se regosija com isso?

Sabes que quer dizer regosijar-se, Geraldo?

— Não senhora.

— Pois, meninos, ficae sabendo que regosijar-se, alegrar-se e ficar contente, significam a mesma cousa.

— Vêde, meus alumnos, como esse menino é bom; preferiu continuar a vestir sua roupa remendada, a comprar com o dinheiro que lhe não pertencia outra roupa nova.

Mas, continuemos a estudar a nossa gravura.

Junto ao canteiro, ha alguma cousa, João?

— Ha, sim senhora, um cão.

— Repete, Neusa: junto ao canteiro ha um cão.

— Presta-nos o cão algum serviço, Elvira?

— Elle vigia a casa.

— Sim, responde: o cão vigia a nossa casa.

Portanto o cão é um animal util.

Já sabeis, meus meninos, o que quer dizer a palavra "util": um animal ou cousa que nos presta algum serviço, isto é, que serve para algum fim.

Haverá ahí na gravura outro animal util, Talita?

— Ha, sim senhora, uma gallinha.

— Muito bem.

Repare bem o que cobre ou o que reveste o corpo da gallinha e o do cão.

Que differença existe entre um e outro?

— A gallinha tem o corpo coberto de pennas e o cão tem o corpo coberto de pellos.

— Muito bem.

— Quantos pés tem o cão, Carlos?

— Quatro.

Já tive occasião de vos falar que os animaes podem ser quadrupedes, bipedes, etc., não é assim?

— Ah! O cão então é quadrupede, replica Aracy.

— Creanças, ouvistes o que disse Aracy? Que o cão é um animal quadrupede.

— E a gallinha, professora?

— Então, Zoraide, não te lembrás quaes são os animaes bipedes?

Bi quer dizer dous, *pedes*, pés. Logo... bipede significa dous pés. Dahi se conclue que a gallinha, é... Zoraide?

— Bipede.

— Sim, dize: a gallinha é um animal bipede.

Onde está a gallinha, Alda?

— A gallinha está em cima da grama.

- Deve-se então deixar gallinhas no jardim, Thereza ?
- Não, senhora.
- Por que ?
- Porque estragam as plantas.
- Repara bem o que a gallinha está fazendo, Nice.
- Está beliscando as flores.
- Qual a utilidade da gallinha, Sylvia ?
- A gallinha nos serve de alimento.
- Muito bem.
- Como se chama o lugar onde dormem e permanecem as gallinhas, Mariazinha ?
- Gallinheiro.
- Perfeitamente.
- E para que ella esteja no jardim, que aconteceu, Risoleta ?
- Fugiu do gallinheiro.
- A moça está olhando para ella ?
- Não, senhora.
- Então a moça não sabe que a gallinha fugiu do gallinheiro e está estragando as plantas? E se tivesse visto, Alayde ?
- Com certeza a teria enxotado.
- Muito bem.
- Quem me dirá o motivo por que a moça não viu a gallinha no jardim ?
- Porque está fazendo a menina estudar a lição, responde Jerusa.
- A menina está tão alegre quanto o menino, Bernardo ?
- Não, senhora, a menina está muito triste.
- Qual será o motivo dessa tristeza, Adylles ?
- A menina hontem ficou sem recreio, porque nunca sabe a lição.
- Será ella desattentá ou vadia ?
- Perfeitamente, ella se preocupa mais com o laço do cabello, do que com seus deveres.
- A uma pessoa que consome mais que o tempo necessario em se preparar e só quer sobresahir pelo vestuario e belleza, como essa menina, dá-se o nome de vaidosa, ou viste ?
- Repete, Maria.
- Essa menina é vaidosa e... vadia.
- Essa menina é vaidosa e vadia.
- E o menino, Zelinda ?
- O menino é estudioso.
- E' só estudioso, Lourivaldina ?
- E' tambem um menino de bem, porque achou o dinheiro e o entregou a seu dono.
- E as pessoas que assim procedem, Alcina ?
- Essas pessoas sabem cumprir seu dever.

NOTA: — Creio que, apresentando ás creanças nomes por ellas conhecidos e substituindo-os por synonymos; fazendo-as observar, reflectir e por fim julgar; obrigando-as á formação de phrases completas; exercitando-lhes a imaginação por meio de idéas suggeridas á vista de uma gravura; baseando sempre as novas noções em conhecimentos anteriormente adquiridos; en-

caminhando a conversação para um fim moral, se consegue que façam um bom exercicio de composição de phrases, depois de percorrido o caminho que a ella leva pela lição de cousas.

ANNA QUEIROZ LOPES.

O ENSINO DE ARITHMETICA

(3º anno fundamental)

Comparação das 4 operações consideradas em conjunto, sua divisão em grupos pela analogia dos processos empregados.

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA

Si todo o ensino primario deve ser feito muito intuitivamente, como recommenda a boa pedagogia, com muito mais razão em se referindo ao de arithmetica: Assim é que para satisfazer ao ponto acima, exigido pelo programma, o mestre deve começar como sempre, com exemplos claros e precisos, uns por elle suggeridos, outros, e principalmente, pelos proprios alumnos. Dado o exemplo, commentado e explicado, o mestre apto conduzirá intelligentemente os alumnos á conclusão exacta dos conhecimentos que quer ministrar.

Assim, o professor terá a convicção de que a turma está de posse do assumpto, porquanto as respostas só podem ser nascidas de um trabalho de raciocinio.

Para melhor se certificar do entendimento do assumpto, organizará ainda pequenos problemas ou questões oraes e escriptas como applicação da aula.

DESENVOLVIMENTO

— Imaginem que tenho numa gaveta 1 livro, numa outra 2 e numa terceira, finalmente, 3. Que vamos fazer para saber o total dos livros?

— Sommar.

— Sim, vamos sommar, reunir, acrescentar, juntar, *compor*, todos os livros existentes na gaveta. Teremos assim formado um novo numero que contem todas as unidades dos primeiros ou $1+2+3=6$, isto é; feito o que todos vocês sabem: uma addição.

— Então, quando sommamos não fazemos mais que formar numeros, reunindo... *compondo* no ultimo numero formado 1, 2, 3, etc., unidades.

— Supponham agora que João recebeu do pae 5 laranjas, da irmã outras 5 e do tio mais 5.

— Como havemos de saber quantas laranjas tem João?

— Sommando.

— Sim, mas sommando, *compondo* indifferentemente 1, 2, 3 unidades, como no exemplo anterior?

— Não, sommando sempre o mesmo nº. de unidades, a mesma quantidade.

— Muito bem! fazendo então uma somma de parcellas iguaes, porque João recebeu 5 laranjas 3 vezes e então repetimos a parcella 5 tres vezes, o que equivale a...

— Multiplicar 5 por 3.

— Obtivemos assim um novo numero formado da mesma maneira que o do primeiro exemplo, com a differença que lá juntámos despreoccupadamente 1, 2, 3, unidades e aqui tivemos o cuidado de juntar, *compor* sempre porções iguaes.

— No primeiro caso sommamos parcellas desiguaes, fizemos uma addição, no 2º juntámos parcelas iguaes, praticámos uma multiplicação.

— Vejamos se apenas podemos formar numeros como nos casos apresentados.

— Tenho aqui 20 tornos e quero dar 15 a um alumno, como premio de sua applicação. Vou formar este n. tirando, separando, diminuindo, *decompondo* 1, 2, 3, etc., unidades, isto é, fazendo uma subtracção.

Terei assim formado um novo numero pelo mesmo processo que quando fiz uma addição, com a differença que lá *reuni*, *compuz* 1, 2, 3, unid. e aqui *tirei*, *decompuz* 1, 2, 3, unidades.

— Imaginem que temos agora 6 tornos para distribuir, repartir, *decompor* por 3 pessoas.

— Que numero vou formar?

— Si não soubessemos dividir dariamos um torno a cada pessoa, até não ter mais

nenhum, isto é, fariamos uma serie de subtracções, e no fim teriamos dado a cada pessoa 2 tornos.

— Este novo numero teria sido obtido tambem tirando, *decompondo*, mas não 1, 2, 3 unidades, como no ultimo exemplo (subtracção) nas partes iguaes (divisão).

Apesar de na divisão formarmos numeros *tirando partes iguaes*, o processo é o mesmo que na multiplicação sómente empregado em sentido inverso, porque ahi em vez de *tirar*, *decompor*, — *juntam-se*, *compoem-se partes iguaes*.

Suggerindo sempre exemplos analogos, fará o mestre que seus alumnos tirem do assumpto varias conclusões.

1ª — Que ha varios modos de formar numeros. A estes modos dá-se o nome de *Operações arithmeticas*.

São quatro as primeiras operações arithmeticas (addição, subtracção, multiplicação e divisão), chamadas fundamentaes, porque todos os calculos nellas se repousam.

2ª — Que 2 dessas operações (ad. e mult.) formam numeros reunindo, *compondo*, e por isso chamam-se *Operações de composição*, porque *compor* quer dizer reunir, e as 2 outras (subt. e divisão) formam numeros tirando, *decompondo* e são chamadas *Operações de decomposição*, desde que *decompor* quer dizer tirar o que está junto.

3ª — Que a multiplicação é uma somma abreviada, pois que o producto é uma somma de parcellas iguaes e que a divisão é um caso particular da subtracção, pois o quociente póde ser obtido por subtracções successivas.

4ª — Que na addição e subtracção os processos para formar numeros são os mesmos, mas empregados em sentido inverso. Diz se então que a subtracção é uma operação inversa á addição.

Com effeito: $2+3=5$.

$5-3=2$.

Sendo dada a somma de 2 parcellas, 5 (minuendo) e uma das parcellas, 3 (subtrahendo)

determinar-se-á a outra parcella, 2 (resto).

5ª — Que o mesmo acontece com as 2 outras operações (mult. e divisão). Então diz-se que a divisão é inversa á multiplicação.

Com effeito: $5 \times 3 = 15$.

$15 \div 3 = 5$.

O dividendo (15) representa um producto de 2 factores: divisor (3) e quociente (5).

Questões Praticas

I — Dados os numeros 4, 48 e 20, compor um outro que contenha todas as unidades dos primeiros.

Resp. $4 + 48 + 20 = 72$.

II — Qual o numero que reunido a 120 dá 250?

Resp. $250 - 120 = 130$.

III — O producto de dous numeros é 2400, um dos factores é 20, qual o outro factor?

Resp. $2400 \div 20 = 120$.

Maria Coelho Pereira.

(Da escola Medeiros e Albuquerque)

ATRAVEZ DAS REVISTAS

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A EDUCAÇÃO

O nosso programma de ensino moral é simples e pratico, mas, como todo programma, assemelha-se ao esboço do architecto: algumas linhas sómente mostram o seu conjuncto e aspecto geral. Resta desenhar a figura definitiva, prevendo as necessidades occurrentes, o que não é cousa facil.

Antes de tudo convem dizer que não ha nem livros, nem programma, nem conselhos capazes de supprir a assistencia moral e pessoal do professor conscientemen-

te preso ao ideal de conduzir os seus alumnos para o caminho do bem. Quem não tem alguma cousa de apostolo e do ardor que o anima não se deve occupar da educação do proximo.

E' preciso adaptar as lições ao meio, afim de alcançar o objectivo que se tem em vista: o mesmo assumpto não póde convir aos moços e ás crianças, ás escolas urbanas ou ruraes, ás associações populares ou burguezas. Por exemplo, é melhor fallar de economia ao pequeno operario da cidade que ao pequeno camponez; das obrigações domesticas aos filhos do povo que aos filhos dos nobres. E' inutil insistir, nas escolas primarias, sobre certas questões, por exemplo, sobre os motivos da pena de morte (cuja atrocidade as crianças sentem) e o suicidio (que ellas não comprehendem); ao contrario, é preciso lembrar-lhes sempre, insistindo neste ponto, o respeito que se deve ao proximo, porque as crianças, á menor contrariedade ou offensa ao seu amor-proprio, não vacillam em testemunhar pela violencia a sua irritação. As lições especiaes sobre o respeito que devem ao professor que lhes é devotado, cuja autoridade representa a da familia, a da nação, etc., podiam supprir-se sem desvantagem: é sempre de effeito contrario preparar alguém o seu proprio pedestal.

E' preciso, desde cedo, inculcar-lhes no espirito o respeito ás opiniões alheias, isto é, convencer-as que os outros podem ter na vida publica e privada ideias diferentes das nossas, sem que nos assista o direito de injurial-os, moestal-os ou perseguil-os. Podemos dizer-lhes, entretanto, que ás vezes, devemos combater pela palavra ideias que nos parecem falsas ou nocivas, mas sem a pretensão nem a audacia de nos substituirmos ás leis e aos juizes, e ainda menos de sermos os detentores da verdade.

Ha um defeito que se não deve deixar de combater, por ser muito commum, capaz de mascarar-se com as apparencias mais nobres, prejudicial á tranquillidade e felicidade do homem — a inveja. Um sentimen-

to radicado de igualdade leva certos individuos a considerarem que são victimas de uma injustiça quando algum dos seus companheiros se adianta mais do que elles no salario, no trato social, num posto mais vantajoso ou num casamento mais rico. Podem estar satisfeitos com a sorte, mas desde que tal percebem, sentem-se contrariados, feridos, porque aquelle que a sua vaidade colloca abaixo de si, vae sendo favorecido pelos acontecimentos ou pelo destino.

Horriavel defeito, descurado na infancia jamais será susceptivel de melhoria!

Não pretendo passar em revista todos os assumptos que se prendem á moral, pois alguns merecem longas dissertações e devem ser enriquecidos de exemplos através dos quaes a criança possa ver em si e na sua vida sentimentos, ideias ou actos que ella não considerava assumptos da moral e que não obstante á mesma se prendem: basta-me ter dado alguns exemplos para esclarecer o meu pensamento.

Quando a reflexão e a observação nos descobrem as molestias moraes, se assim me posso exprimir, cumpre-nos empregar os meios mais efficazes para remedial-as, tendo todavia o cuidado de nunca ferir o amor-proprio.

Lendo certos manuaes, ouvindo certas lições, acredita-se que o caminho do dever é placido e encantador. Ora, todos sabem que na realidade elle é abrupto e espinhoso, mas que é preciso trilhar-o sempre e soffrer por seguil-o. E si o professor não mede o comprimento desse caminho ou si esquece a sua difficuldade, arrisca-se a prender-se a um optimismo sem clarividencia ou a impacientar-se com a malignidade infantil.

Um sentimento que nos parece facil de desenvolver é o da obediencia. Mas muitas vezes a incoherencia das ordens dadas, a sua multiplicidade, a sua instabilidade caprichosa, e até o seu proprio objectivo, o que não raro visa mais á nossa commodidade que ao aperfeiçoamento da criança, não são proprios a lhes inspirar o respeito; além

disso, essas ordens contrariam, as mais das vezes, os seus instinctos, as suas proprias necessidades e quebram em todos os sentidos uma vontade em formação. «Não brinques! Vae sujar tuas roupas domingueiras! — Não faças barulho! Pões-me a cabeça a rodar!» Ora, a criança gosta immensamente do brinquedo e do barulho! E nós não a comprehendemos, achamos imperdoavel o que é natural e admoestamo-la porque ella esqueceu com seus divertimentos de estudar as lições: mas a tentação é tão forte de um lado e, de outro lado, o dever é tão austero!

Que cuidado e que esforço é mistér á criança para evitar a mentira! O desejo de livrar-se de um castigo, o amor-proprio lhe aconselhando attitudes imprudentes, ás vezes o rancor, e muitas outras os máos exemplos a afastam do caminho da sinceridade e do direito. Pensemos em tudo isto e em vez de nos admirarmos e impacientarmos com as suas faltas, esforcemo-nos por conduzil-as ao caminho do bem, por meios brandos, por meio de conselhos salutaes e, sobretudo, pelos nossos exemplos.

Lembremos ainda quenão raro, certas naturezas, com maligna perspicacia, gostam de applicar as leis da moral á conducta alheia, quando mais necessario seria applical-as a sua. Ora, é no nosso interior mesmo que devemos principiar os exames, os interrogatorios, os julgamentos, sem indulgencias e sem artificios. Já os antigos recommendavam este exame de consciencia; como elles os philosophos e a religião consideraram este comparecimento frequente de nós mesmos diante do tribunal da nossa consciencia, como fundamento da vida moral. Cumpriremos um grande dever si mostrarmos aos nossos alumnos todo o seu valor.

Igualmente nos devemos esforçar por vivermos esta vida moral que M. Pécaut sempre recommendava. Então tudo se esclarecerá: saberemos escolher os melhores assumptos, os argumentos mais fortes, assim como as ideias mais dignas de os secundar ou supprir, saberemos avaliar os esforços que o dever exige das crianças e,

supremo fim, fazel-as cahir sobre si mesmas, para examinarem a sua propria conducta; enfim nossa experiencia se fortificará, dia a dia, com clarividente indulgencia e firmeza.

A CORRECÇÃO DOS TRABALHOS ESCOLARES

Geralmente acredita-se ter corrigido um exercicio de grammatica ou um dictado, quando se tem conseguido pôr de conformidade a copia graphica do trabalho com o texto. Puro engano; si a criança não consegue (guiada pelo professor) corrigir os erros resultantes da sua ignorancia ou falta de applicação e si jamais ouviu uma explicação conveniente, reproduzirá amanhã o que hoje fez. Terá errado por falta de saber; engano ou desatenção? E' o que cumpre descobrir e fazer com que ella o reconheça; em seguida deve-se obrigar-a a justificar a correcção e a reproduzir em alta voz o que por indifferença ou pressa tinha posto de lado. Não resta a menor duvida que a correcção tem por fim ensinar ao alumno o que elle ignora e habitual-o a applicar convenientemente os conhecimentos adquiridos. Bem feita, ella será uma acção continua contra a ignorancia, a preguiça ou a precipitação.

Prevejo que se me objecta com a falta de tempo, mas para obviar esse mal, cumpre-nos dar exercicios mais curtos e menos numerosos; guiemos e mantenhamos pela vigilancia a debil attenção infantil, fortificando-a pelo habito, e então serão menos frequentes os seus enganos; tempo ha de haver sufficiente para descobrirmos as causas dos erros e reduzil-os. O fim da escola não é produzir diariamente uma determinada quantidade de «escriptos», mas ensinar com proveito e applicar com exactidão.

Assim, assignalar as lacunas, as deficiencias, as incorrecções de um exercicio de redacção é cousa util, mas não basta; será necessario explicar tudo detalhadamente

aos interessados, para que possam elles proprios corrigir os seus trabalhos. Sómente os seus esforços evitarão reincidir no erro. O ideal seria que toda rectificação de qualquer trabalho fosse obra do autor, de accordo com as prescripções do mestre. Tratando-se de uma turma numerosa é conveniente assignalar por meio de signaes convencionaes a natureza de certas correções (termo improprio, phrase mal construida, tempo de verbo mal empregado, orthographia defeituosa, etc.) que os alumnos podem fazer por si, mediante alguns esclarecimentos.

E' escusado dizer que a criança nada aproveita da correcção de um problema, si não o tendo comprehendido, não for obrigada a reflectir sobre o mesmo, fazendo-o em alta voz sob a direcção do mestre. Mandar escrever a solução no quadro negro por um bom alumno e exigir que os outros a copiem, é fazer o trabalho mais inutil do mundo. Não venham novamente objectar-me com a falta de tempo: um só problema bem analysado, resolvido com a participação dos alumnos que o não tenham comprehendido e por elles repetido tantas vezes quantas necessarias fôrem, será infinitamente mais proveitoso que quatro ou cinco feitos ás pressas, sem a menor reflexão e verificados tambem precipitadamente. Corrigir não é impôr a repetição escripta de uma solução exacta, mas levar as crianças a comprehendem nitidamente o que estão fazendo.

Mesmo as correções dos exercicios caligraphicos ficam sem effeito si não se completarem por um trabalho do alumno feito sob as vistas do mestre. Por maior que seja a utilidade da explicação no quadro negro, é sempre defficiente, sobretudo para os principiantes. Elles não percebem em que é que differe o seu trabalho do modelo que se lhes empresta; para que o percebam deve-se corrigir a letra defeituosa á sua vista, obrigando-os a fazerem uma outra logo após, mas sempre em presença do professor. Estas lições praticas assim administradas são mais efficazes que todas

as theorias, pois as palavras muitas vezes nada mais fazem que ferir os ouvidos sem provocar a attenção.

Na leitura, não raro o mestre rectifica uma palavra mal pronunciada ou uma phrase mal pontuada; entretanto, terá essa rectificação algum valor si o alumno prosegue sem insistir no que errara? E' evidente que os mesmos erros se reproduzirão sempre.

Quando se faz uma arguição, quantas vezes as respostas erroneas ou absurdas nos surpreendem! Si são apenas rectificadas ou si os alumnos são advertidos, o resultado é nullo. O importante é chegar á origem desses erros ou absurdos, que nem sempre

são effeitos da desatenção, mas que nascem de ordinario de falsas associações de ideias, equisonancias, raciocinios inexactos e, não raro, de palavras mal interpretadas ou de perguntas mal comprehendidas. Não ha duvida que são necessarios o saber, a perspicacia, grande experiencia para ir além das apparencias e attingir o erro em sua origem, mas é evidente que não ha «correcção» senão nestas condições.

Em summa, a preocupação do mestre deve consistir não tanto em corrigir palavras, signaes, numeros, erros, mas o proprio espirito, sem o que todo o seu trabalho será improficuo.

HELENA

Revista de Lingua Portugueza

Archivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionaes. Publicação bimestral dirigida por Laudelino Freire. — Collaboração effectiva de Ruy Barbosa, Mario Barreto, João Ribeiro, Alfredo Gomes, Ramiz Galvão, Carlos Góes, Carlos de Laet, Maximino Maciel, Pedro Pinto, Said-Ali, Silva Ramos, Jonathas Serrano e outros grandes mestres de Lingua, brasileiros e lusitanos.

Assignaturas : Nesta Capital, 25\$. Nôs Estados 27\$.
Numero avulso, 5\$.

Redacção — RUA DOS OURIVES, 28. Rio de Janeiro

III-LICÇÕES E EXERCÍCIOS

Educação do homem e do cidadão

CONSIDERAÇÕES

Um programma de Instrucção Civica para a escola primaria deve ter em vista dois fins: despertar e desenvolver as virtudes civicas na alma da creança, e fazer-lhe conhecer a nossa organização politica.

Esses dois fins completam-se reciprocamente: porque de nada vale conhecer a organização do nosso paiz sem o estimar e ter o firme proposito de trabalhar por elle e de cumprir as leis -- nem tampouco o patriotismo poderá existir a par da ignorancia do travejamento em que se alicerça toda a vida de nossa patria.

Evidentemente não se pode amar o que se não conhece. Para que, pois, a creança ame a sua patria, se interesse pela sua vida, respeite com prazer as suas leis e deseje preparar-se para cumprir escrupulosamente os deveres civicos que lhe competem, precisa, já se vê, conhecer essas leis, esses deveres, e, pois, a distribuição de serviços do seu paiz, pelo menos nas suas linhas principaes.

Demais, o conhecimento da nossa organização é uma necessidade para a comprehensão de uma serie enorme de phenomenos politicos e sociaes, para o entendimento de leituras e conversas com que a cada passo nos encontramos na vida, nós adultos, e as crianças tambem, desde o tempo em que, sahidas do completo egoismo das primeiras idades, comecam a abrir os olhos á visão do que lhes vae em torno.

O trabalho do mestre visará pois:

— fazer conhecer aos alumnos a Constituição e dar-lhes bem nitida a noção de deveres e direitos do cidadão, por um lado;

— por outro, procurar desdobrar ante suas vistas quanto tem de bello e de nobre o cumprimento do dever; quanto tem de elevado o respeito á lei, salientar ante seus corações, de facil accesso ao entusiasmo, a grandeza de nossa patria, inculcar-lhes a confiança no que somos e no que podemos e mostrar-lhes igualmen-

te que a Patria vale pelo que valem seus filhos, e pois que do nosso trabalho, do nosso esforço e do nosso correcto e intelligente proceder depende todo o bem que ella possa ter, toda a grandeza que lhe possa advir.

Esses dois ensinamentos — um que fala á intelligencia e outro ao coração, devem ser ministrados *pari passu*. A distribuição da materia no programma será mais ou menos de accordo com as necessidades do primeiro, mais positivo e mais longo. Mas a cada ponto referente á organização politica corresponderá alguma cousa de moral civica.

Esta, aliás, é, sem duvida alguma, a parte mais importante e mais difficil.

Mais importante, porque o Brasil, no torvelinho da vida actual precisa, mais que nunca, de bons cidadãos; porque o Brasil, na febre de trabalho que se sente pelo mundo, precisa, mais que nunca, de filhos esforçados e intelligentemente ordeiros, para que seu labôr seja fructifero; porque o Brasil, na epoca temive-de concurrencia e de ambição desregrada que atravessamos, precisa, mais que nunca, de quem o ame e de quem esteja prompto a engrandecel-o e a protegelo. Mais difficil porque, como todo ensino de moral, não dá resultados promptos, antes dependendo de tempo, de paciência, de constancia, e muito desse dom que nem todos possuem, de tocar a alma quando falam, e ahi deixar, brilhantes de luz, as marcas de suas palavras inspiradas.

Mas, em que consiste esse amor da patria, que se trata de ensinar? Não será por certo um fanatismo igual ao dos Spartanos, que os levava a atirar, do alto do Taygeto os recém-nados defeituosos, que não seriam bons militares e gymnastas perfectos; nem será um polimento superficial de pouca duração, um verniz que se desfaça a qualquer calor mais forte de difficuldade, ou á primeira solicitação de esforço e quiçá de sacrificio. Não. Precisamos de homens bons, de corpo e de espirito. Cidadãos que cumpram os seus deveres sempre, a todos os instantes, e

que estejam promptos em qualquer oportunidade.

O amor da patria que devemos inculcar nas nossas creanças, cidadãos de amanhã, pode resumir-se nas expressões: cumprimento do dever, respeito á lei, e trabalho. O amor da patria que deve encher a alma dos nossos cidadãos não exclue o da familia, nem o da Humanidade, mas é justamente o meio termo entre os dois.

Assim como a familia é uma instituição necessaria, tambem o é a patria. A ideia de patriotismo não é contraria aos nobres sentimentos de fraternidade, de bondade e de igualdade entre os homens, sentimentos que devem ser universaes. A Humanidade dividida em patrias, como estas se suddividem em familias, é organização tão logica como de um paiz em estados e destes em municipios; como a dos trabalhos de um governo pelos seus ministerios e estes em repartições e subrepartições; como a da Natureza em reinos e destes em classes e subclasses.

O patriotismo é tão nobre hoje, quando acima da patria collocamos a Humanidade, como nos tempos em que os limites dos paizes eram barreiras onde vinha morrer toda ideia de solidariedade e de fraternidade. Assim como o individuo zela pela sua familia em particular, e em geral por todas as que constituem a sua patria, tambem pode dedicar-se a esta especialmente, sem offender as demais, considerando os cidadãos dos outros paizes como elementos dessa mesma Humanidade, de que todos fazemos parte. Essa é a noção moderna e

esclarecida do patriotismo. Essa a que devemos inculcar no espirito de nossos alumnos.

O programma de Instrucção Civica propriamente dita deve comecar, como actualmente se faz, no 3º anno, podendo já no 2º, com as explicações a proposito dos dias feriados, ir sendo despertado o sentimento civico dos pequenos alumnos.

O programma de Instrucção Civica, pois, comecado no 3º anno, deve nessa classe comprehender o que houver de absolutamente essencial; no 4º anno serão ligeiramente ampliados esses pontos e dados alguns novos, fazendo-se o mesmo para o 5º anno.

Não comprehendemos a orientação de certos livros e programmas, que expõem o assumpto sem obedecer a ordem alguma. Collocar o mais difficil primeiro, depois o facil, depois o medio; comecar do fim das cousas para o principio; respigar partes da materia, d'aqui e d'alli, como que a puro capricho; apresentar noções dependentes de outras, sem o conhecimento previo destas, parece-me anarchia e falta de methodo, que não servem á creança e seriamente embarçam a acção do mestre.

Prefiro para o ensino da Instrucção Civica, como para o de qualquer sciencia, um programma classico, em que o estudo se faça segundo a ordem logica de difficuldade crescente, elevando o espirito do alumno do conhecido para o desconhecido, como a subir os degraus successivos de uma escada: é o meu programma.

Maria R. Campos.

Luvária Gomes

E' o estabelecimento onde mais barato se encontram:

MEIAS,
LUVAS,
LEQUES,
FITAS,
RENDAS,
BOLSAS,
CARTEIRAS,
PULSEIRAS,
BRINCOS,
COLARES
E
NOVIDADES

Descontos de 10% ás professoras municipaes

38, Travessa S. Francisco, 38

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

4º e 5º ANNOS

O HOMEM PRIMITIVO

Examinando as condições de vida, usos e costumes do selvícola e do homem civilizado, já terão os alumnos avaliado a distancia que separa um do outro, comprehendido quanto o homem tem melhorado, progredido, e se tornado superior.

Dirá a mestra que dirigida, entretanto, a nossa vista para qualquer ponto da Terra, e em qualquer epoca, depara-se nos o homem com um maior ou menor gráo de adiantamento intellectual e moral. Os povos selvagens daqui e dalli revelam conhecimentos que indicam uma certa comprehensão das cousas que os cercam; e isso succede em toda a parte, por mais remota que seja a epoca que se considere.

Todas as tribus, por mais rudes que nos pareçam, apresentam rudimentos de conquistas realizadas no dominio material e moral: armas, utensilios, vestuario ou simples adornos, habitações, utilização do fogo e dos metaes, uma certa concepção elevada da vida, religião, etc. Tudo isso prova que o homem, no primeiro estado em que a Historia e mesmo a Pre-historia o vae encontrar, o homem que de sua passagem na Terra deixou vestigios, embora pouco apreciaveis, já attingira um nivel bastante elevado, já se libertara da rusticidade primitiva, da bestialidade que provavelmente caracterizou os primeiros habitantes de nosso planeta.

O material mais antigo de documentação que possui a Historia, dirá a mestra, é encontrado no Egypto; paiz cuja civilização se revela no mais alto gráo de aperfeiçoamento em monumentos velhos de tres mil annos e mais, antes de Christo. (Ensinará a mestra como contamos annos antes e depois do nascimento de Christo, fallando na era Christã).

Dirá depois que o homem primitivo, o pae da humanidade, viveu em tempos muito anteriores aos egypcios, em uma epoca tão afastada dos tempos actuaes que não podemos siquer fazer uma idéa approximada dos annos decorridos desde o apparecimento do primeiro homem até hoje.

Da vida desse homem apenas podemos fazer conjecturas, á vista de objectos encontrados em grutas e cavernas, vestigios deixados pelos seus successores já no primeiro estado de adiantamento.

O exame desses interessantes achados fez concluir, por indução, a vida do homem das cavernas. Sem duvida, cercado e ameaçado em sua vida pelos outros brutos habitantes das selvas, por bravios e gigantescos animaes com os quaes vivia em constante contacto, obrigado pelas circumstancias a procurar meios de defender-se de hostilidades sempre renovadas, rude no trato, rude nos habitos, sempre prompto á lucta, o homem dessas epocas remotissimas deveria viver de um modo muito semelhante ao das feras, suas companheiras nas mattas e com as quaes disputava o alimento e o abrigo.

Nas cavernas, no alto dos ramos ou no ôco das arvores procurava refugio seguro, alimentando-se de fructos, raizes, caça ou pesca. Tal seria a vida de nossos primeiros paes. Entretanto, dotado de intelligencia superior á dos outros animaes, levado, de geração em geração, ao aperfeiçoamento gradual dos meios de defesa, empenhado em lucta contra os elementos hostís ao seu bem estar, procurando maior conforto, foi o homem melhorando, abrandando seus costumes, aprendendo a utilizar-se dos elementos que lhe offerecia a natureza, fabricando armas, utensilios, etc.

Em varias grutas e cavernas, em excavações profundas, foram encontrados attestados varios dessa rudimentar existencia. Muitos desses objectos encontrados são fabricados de pedra, silex, ora simplesmente lascada, ora polida; outros são feitos de bronze; outros, finalmente, de ferro. Dirá a mestra que se notam differenças para melhor, de objecto a objecto, nas producções desses homens que viveram em epocas diversas, afastados uns dos outros por muitas gerações talvez e que, por isso, foram estabelecidas tres epocas distinctas de evolução da humanidade: a da pedra, a do bronze, e a do ferro. Poderá a mestra ainda fazer a subdivisão da epoca da pedra, considerando a pedra simplesmente *lascada* com que confeccionavam grosseiros macha-

dos, flechas, lanças, e a pedra *polida*, de objectos mais bem acabados, aperfeiçoados.

Falará a mestra sobre os ossos de animaes encontrados nas cavernas e cuja carne provavelmente serviu de alimentação ao homem primitivo: lebre; veado, boi, cavallo, renna, auroch (touro selvagem) e mammuth (gigantesco elephante, lanudo e de presas curvas). Dirá que essas ultimas especies ha muito tempo estão extinctas; que no periodo da pedra polida começam os homens a procurar mais conforto, construindo casas, fabricando pannos grosseiros, adornos variados; apparecem os primeiros vestigios de arte: desenhos em ossos de animaes. Os homens já se congregam e constroem casas sobre estacas, nos rios e lagos, para fugirem ao ataque das feras, á noite. Diga a mestra que foram encontrados vestigios dessas povoações lacustres.

Fale tambem nos vestigios de tumulos primitivos encontrados em França, Inglaterra, America e Portugal: *dolmen* ou *anta* e *menhir*, construcções de pedra bruta, dispostas regularmente.

Diga depois que, na epoca do bronze, o homem já aprendera a fundir metaes e fabricava, com essa liga de cobre, seus instrumentos e armas; nesse tempo o homem já se constituiria em aldeias ou tribus. Vem afinal a epoca do *ferro* em que as laminas das facas e espadas são fabricadas com esse metal, trabalho difficil que já indica muito progresso.

Diga que essa epoca se confunde com os tempos historicos e faça notar que, de progresso em progresso, foi o homem seguindo natural e lentamente sua evolução social e moral, sempre em marcha ascendente para o aperfeiçoamento que attingiu em nossos dias.

Dirá que essa evolução só se poderia ter operado após o trabalho e experiencia de successivas gerações que, seguidamente, durante milhares de annos, foram adquirindo essa série enorme de noções que presidem á vida e que de paes a filhos se transmittiu a nós, como sagrada herança.

M. A.

Tintas "Sardinha"

Azul - preta, fluida e fixa

E' a melhor

LACOL - Finissima tinta para pintura esmalte.

ZAZ TRAZ - O melhor liquido para limpar metaes.

Rua do Senado n.º 218 - Rio

Atelier de Costura

de

ZULMIRA CRUZ

Rua 7 de Setembro, 174 sob.

HEITOR RIBEIRO & C.

Papellaria Artigos para Escripiorio e Desenho Papel e Livros em branco

Typographia Lithographia Pautação e Encadernação

RUA DA QUITANDA, 88, 90, 92

Officinas: Rua do Rosario, 87

Teleph. Norte 1664 — Caixa do Correio, 357

End. Telegraphico RICEDO

RIO DE JANEIRO

Os professores gozarão de abatimento

GEOGRAPHIA

Nas nossas escolas primarias, raro é dispôrmos de material adequado que, pela estampa ou construcção, possa esclarecer a exposiçào oral do assumpto escolhido.

Para tentar, pois, materialisar um pouco esse ponto, dentro do proprio recinto escolar, por isso que não é exequível fazer excursào ao alto de um morro, afim de bem o expôr, tracemos a giz, no soalho, uma circumferencia, (linha do horizonte) e depois determiemos, mediante 4 XX, o oriente, o occidente, o norte e o sul. Esses XX devem reproduzir no pequeno circulo concentrico ao do horizonte, as posições dos pontos cardeaes neste ultimo.

Naturalmente teremos que explicar o que é horizonte, sendo mesmo conveniente desenvolver o esboço que houvermos feito do ponto de 1º anno (o que se vê no céu, etc.), dando uma ligeirissima synthese do systema planetario. Tal resumo deve ser objecto de licção anterior á da orientaçaõ, e nunca dado no mesmo dia.

Repetir essa licção em arguições ulteriores é de boa pratica, até que o menos dotado dos alumnos possa repetil-a satisfactoriamente.

E' uma falta de caridade e de consciencia de nossa parte, mórmente emquanto a questào dos anormaes e suas classes constituir apenas literatura pedagogica —leccionar-

mos só para que a minoria intelligente apprehenda.

Quando falarmos do surgir do sol, para o nosso hemispherio, pôr em relevo numa bem elucidada synthese de linguagem sempre ao alcance das creanças menos intelligentes, o que é essa magnifica fonte de luz, de vida, de actividade physica, mental e moral.

A proposito e não na mesma licção, citar os esquimãos —seres prejudicadissimos pela latitude que habitam—, em todas as manifestações do triplice desenvolvimemto humano.

E' uma bellissima lição de moral: comparemos o sol a um alto ideal —o aperfeiçoamento de nós mesmos, por exemplo, e busquemos a gloria tão pura de fazer brotar em algumas dessas almazinhas que se ensaiam para a conquista do progresso humano —o amor do bem pelo bem—, sem cogitações (incompativeis com o nosso mistér) de crença alguma.

Façamos sentir os beneficios que todos os seres auferem dessa fonte universal; mostremos que o bem — estrella que nos deve orientar nessa vida — está tambem ao alcance de qualquer, em variadissimas espheras; todos o podem exercitar —quer o chefe da nação— cuja probidade fôr indiscutível, quer o mais humilde dos escolares, que do seu logarzinho, na classe, acompanhe —sério, attento, respeitoso, os ensinamentos que lhe transmite o mestre.

J. G. A.

LINGUA MATERNA

1º e 2º ANNOS

Chromo

Cahira o sol no horizonte!
A rapariga travessa
vae, de cantaro á cabeça,
pelo caminho da fonte.

Fumega o rancho. Defronte
azula a malta espessa...
Antes, pois, que a noite desça
voam as aves ao monte.

Aponta Vesper, brilhante,
e o largo silencio corta
uma toada distante.

Irado enxotando o gallo,
está um homem na porta
dando ração ao cavallo.

B. Lopes.

Cantaro — pote — bilha.
Cahira o sol no horizonte — anoitecia.
Rancho — casebre — casa de palha.
Fumega o rancho — delle são fumaça.
Vesper — estrella da tarde.
E o largo silencio corta — faz-se ouvtr.
Toada — cantiga.

Irado enxotando — expulsando zangado.
Explique a professora que Belmiro Lopes
é um poeta brasileiro que tem feito muitos

versos mimosos como estes em que descreve; ou antes, pinta um bello quadro com tanta arte quanta simplicidade emprega em sua linguagem. Depois de recitar a poesia e explicar bem o sentido de cada palavra desconhecida das creanças e das expressões empregadas, procure ver si foi bem comprehendido o sentido do trecho, convidando-as a reproduzirem o quadro pelo desenho. Essa reproducção pode ser tambem feita pela professora, no quadro negro, a giz de côres e nas suas linhas principaes. Diante desse quadro terá a professora o ensejo de fallar nas habitações, na vida calma e simples da roça, em seus encantos e trabalhos, nos animaes domesticos e nos cuidados que devemos dispensar-lhes.

3º e 4º ANNOS

Diciado

*A nossa professora disse hontem que nos esperaria hoje ao meio dia na escola, para levar-nos a um passeio ao campo. A' hora indicada, o salão principal do collegio regorgitava de crianças. As adjuntas e a directora iam e vinham, arranjando melhor as gravatas mal atadas dos rapazes ou as fitas e os cabellos das meninas.

Antes de sairmos, a professora, ordenando silencio, perguntou:
— Sabem qual é o acontecimento que celebramos hoje?

Mais de uma voz respondeu alto: A redempção dos captivos!

Os alumnos abrirão o livro de leitura *Historias da nossa Terra*, de Julia Lopes de Almeida, á pagina 163.

A professora lerá em voz clara e com boa pronuncia o trecho escolhido. Explicará o assumpto para que os alumnos comprehendam o que vão escrever. Começará então a mostrar o significado, bem como a orthographia dos vocabulos. Passará pelos que não offerecem duvida, assignalando-os apenas como já conhecidos. Ao chegar á palavra *professora*, fará um alumno escrevel-a no quadro negro, afim de evitar o erro frequente de dois ff, por influencia dos dois ss. Logo adelante convem lembrar o emprego do m ou n, conforme anteceda ou não a b, p e m.

Orthographia a assignalar: *hontem, hoje e hora*, com h inicial.

A proposito do substantivo *passeio*, falar no verbo *passear* e seus semelhantes, como — *cear, recear, pear, assear, arrear* etc., para mostrar, em referencia ás formas do presente do indicativo, em que se intercala o i, que

existem substantivos semelhantes ou homographos como — *ceia, receio, peia, asseio, ar-reio*, etc., e lembrar logo aos alumnos as formas verbaes em que o i apparece, para corrigil-os principalmente do habito, muita commum entre elles, de introduzir o i no infinitivo, nos participios e em outras formas.

Continuando: *salão* com *ão* final por ser palavra oxytona, como *mamão, região, oração, terão, verão, darão*; ao passo que *orpham, orgam, Christovam, Estevam, tenham, deram, estudam*, etc., escrevem-se com m por não terem a syllaba *am* tónica. Convem explicar que os substantivos paroxytonos terminados em *am* formam o plural accrescentando apenas s, porque ficariam com a pronuncia alterada se seguissem a regra geral, que determina mudar o m em n antes do accrescimento do s.

Rapaz termina em z por ser longa a ultima syllaba, como *cartaz, capataz, paz, atraz*, etc.

A proposito, falar nas palavras que terminam em *ez, iz, oz e uz*, que são graphadas com z por serem oxytonas. Ex.: *altivez, fez, mez, inglez, portuguez, (*) motriz, fiz, giz, atriz, feroz, retroz, noz, voz, capuz, cruz, arcabuz, luz*, etc.

Sendo o nosso fim facilitar a aprendizagem da lingua pela analogia e possivel systematizaçaõ, parece-nos de bom aviso não falar nas accepções, que devem ser tratadas á proporção que forem apparecendo, ou que a força das circumstancias o for exigindo.

Continuando a ver o livro, assignalaremos: *directora* com *ct* como *directo, directriz*, e *direcção* com dois *cc*; *cabello* como *cabelludo, cabelleira*, ou ainda *capillar, pilloso*; *redempção* como *redemptor*; *captivo* como *captivoiro*.

Todas essas palavras devem ser escriptas no quadro negro de modo que sejam bem apprehendidas pelas crianças.

Assim evitaremos que o alumno erre, o que é de summa importancia, pois, como sabemos, o erro se torna, não raras vezes, obstinado e difficil de ser destruido.

(*) Ensinamos a escrever *mez, inglez, portuguez*, etc., com z porque, sendo esta a orthographia usual, representa a maneira por que os alumnos estão acostumados a ver graphados esses vocabulos; e nem poderiamos falar a crianças em etymologia, segundo a qual, como se sabe, a boa graphia é *mês, inglês, português*.

ENSINO SCIENTIFICO

Arithmetica

Encetando hoje o estudo da arithmetica, na intenção de auxiliar as nossas jovens mestras primarias no ensino d'esta disciplina nas diferentes classes que constituem o curso primario, considerarei o alumno nas diversas phases que vão da sua situação de analphabeto á de candidato a exame final primario. Assim, terei de repetir assumptos, afim de lhes poder dar o desenvolvimento gradual exigido pelo estado mental das crianças, por sua aptidão crescente a abstrahir como a induzir, a deduzir, a concluir.

Pertença ao numero dos que entendem que a excessiva objectivação ou, para dizer melhor, o prolongamento exagerado do ensino meramente concreto, dispõe o alumno á preguiça mental, á inactividade da intelligencia, que se não apura, que se não afina, que não adquire as propriedades que lhe permitem não só subir na escala dos conhecimentos humanos como também e principalmente *vêr claro* nas questões da vida pratica e tirar partido de situações que parecem improficuas a *olhos menos perspicazes*.

O ensino de toda e qualquer materia, nos cursos primarios, afóra o fim especial a que se destina de inocular principios ou conhecimentos, deve attender sempre á necessidade de melhorar as faculdades da criança, tornal-as mais vivas e mais promptas, mais efficazes nesse trabalho pessoal do alumno, que se realisa sempre, quer o professor queira quer não, e a que o bom mestre procura apenas imprimir direcção, sem de nenhum modo impedir-lhe o surto.

Por outro lado, é bem verdade que todas as noções são primitivamente concretas, visto como as recebemos todas do mundo exterior por intermedio dos sentidos; mas não é menos verdade que toda e qualquer noção só se transforma em conhecimento quando se torna abstracta, isto é, quando existe no cerebro a imagem correspondente independentemente da contemplação concreta.

Assim, o menino de seis annos de idade que se matricula no 1º anno elementar das nossas escolas primarias, por isso que já adquiriu muitas noções desde que começou a observar, observação

essa que foi dirigida, auxiliada pela mãe e por aquelles com os quaes convive, já dispõe também de grande dóse de abstracção; de modo que, não raro, o professor perde tempo em ensinar cousas que de ha muito o alumno sabe, conforme verificam os que são conscienciosos e não hesitam em confessar as proprias faltas.

Está neste caso a noção de numero — a idéa de um e de mais de um — que aos seis annos é já antiga no cerebro da criança, mesmo porque o numero é o phenomeno mais simples e mais geral, concordando, portanto, com todos os demais que tenha a criança observado.

Lembro-me bem de ter dirigido em certo anno do meu exercicio de magisterio, durante todo o primeiro mez do anno lectivo, uma secção de analphabets, dos seis aos oito annos, emquanto esperava designação de novas professoras para o serviço da escola, e de tel-os deixado, dentro desse prazo, lendo e escrevendo *conscientemente* os numeros inteiros até ás centenas e effectuando, com o auxilio dos bolarios, pequenas sommas que reduziam a escripto, sem que houvesse nisso milagre ou sequer habilidade especial da minha parte.

Logo á primeira lição de arithmetica, em vez de lhes ensinar o que se entende por *um* e por *muitos*, procurei conhecer até que ponto já chegavam os conhecimentos da classe nesse sentido; e como na vespera (segundo dia de trabalho) não me tivesse sido possivel occupar-me com essa secção, entrei em assumpto declarando estar certo de que os alumnos tinham sentido a minha falta; e accrescentei sorrindo: Ha tanto tempo que não venho aqui...

Um dos menores acudiu logo: Foi só hontem, professora... Ao que eu repliquei de prompto: Então, se foi só hontem, quantos dias faltei eu á lição?

A uma voz a classe inteira respondeu: Um só, professora.

Observei mesmo que, pela mór parte, erguiam um dedo, na necessidade natural de juntar o gesto á idéa, de objectivar todas as impressões como todas as emoções, facto conhecido de quantos lidam com crianças.

Ha aqui um alumno, F., accrescen-

tei indicando-o, que talvez já tenha tido occasião de sentir saudades minhas, porque já me conhece da festa das férias; esteve aqui com a mamãe e as irmãs.

—Estive, sim senhora: ganhei doce... as meninas cantaram... já foi ha muito tempo...

—Ha quantos dias foi isso?

—Ha uma porção, professora.

—Uma porção? E que quer dizer isso —uma porção de dias?

—E' um dia... e outro... e outro... e outro... uma porção, professora.

Perguntas feitas aos demais e relativas a balas, biscoitos, botões, palitos e outros pequenos objectos postos previamente sobre a mesa, evidenciaram não haver um só desprovido da noção de *muitos* como a repetição reiterada de *um*.

Continuando a experiencia, verifiquei terem todos a idéa de numero ligada ao nome do agrupamento até tres; pela mór parte, até cinco; muito poucos nitidamente até dez.

No dia seguinte tomei tres como ponto de partida; e pelo processo espontaneo —juntar sempre *um* ao numero já obtido —e tendo o cuidado de não passar a novo agrupamento e a novo nome sem que estivesse *bem conhecido* o agrupamento anterior com o nome respectivo, cheguei facilmente a sete.

Na terceira lição cheguei a dez; e só na quarta mostrei a necessidade de representar aquelles numeros por escripto, figurando situações que não permittissem ou, pelo menos, difficultassem entendermo-nos verbalmente com outrem sobre o numero de objectos a considerar, e ainda a necessidade de tomar nota do numero de objectos quaesquer ou do dinheiro a dar por elles, para nosso proprio uso, para evitar ás vezes os inconvenientes de um esquecimento.

(Continua).

O. C.

Casa do Bastos

Rua da Uruguayana, 19

Calçados finos para senhoras
homens e crianças
Sempre novas creações.

Costa Bastos & Fernandes

RIO DE JANEIRO — Telephone 261 Centra.

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

CIRCULA EM TODO O BRASIL

ASSIGNATURAS

Por um anno.....	9\$000	Por seis mezes.....	5\$000
Anno de 1916-17, 1917-18, 1918-19 ou 1920-21			
Em avulsos.....	9\$000	Encadernado.....	12\$000

Pelo correio, sob registro, mais 1\$000

Acceitam-se annuncios compatíveis com o caracter desta revista, podendo os interessados procurar o gerente nos dias uteis, das 3 ás 5 horas da tarde, á

Rua 7 de Setembro 174 - 1º andar

TELEPHONE 4337 CENTRAL

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

2º anno

Educação dos sentidos — Noção de côr, de fórma, de temperatura, sabor, odor e ouvido.

E' pelos sentidos que nos advêm os conhecimentos do mundo exterior.

Mas o grande segredo para prender a atenção das crianças, nesse ponto, está em aguçar-lhes a curiosidade, satisfazer-lhes o amor de actividade e em dosar o ensino, de modo que proporcione a aula divertida sem cansaço intellectual.

«Os sentidos» — dizia Rousseau — «são os primeiros vehiculos de todos os conhecimentos; antes de aprender a ler importa aprender a ver».

Dividirei o presente ponto do programma em seis lições.

1ª lição — A VISTA

Material para a lição

Sete bolas, formadas por uma substancia elastica, revestida de malhas ou «crochet», cada uma com um cordel de vinte a trinta centímetros e que apresentem as côres do prisma solar; palheta de tinta e um pincel; prisma de vidro; tubos de palha, para fazer bolhas de sabão; e giz de côr.

Orientação pedagogica. Apresentai uma bola e fazei a criança dizer o nome do objecto,

Provocai no alumno o desejo de possuil-o. Procedei á distribuição das bolas, ordenadamente e em seguida dizei—«Passem as bolas», acompanhando a phrase de uma pancada-signal. Adverti que devem passar as bolas como os pedreiros passam os tijolos uns aos outros.

As bolas serão passadas entre os alumnos até que voltem ás mãos da professora.

Com este exercicio os alumnos obterão resultados proveitosos de ordem e harmonia.

A diversidade das côres das bolas, a vivacidade das tintas, o contraste por ellas estabelecido, impressionam as crianças. Aproveitando esta observação expontanea, dareis o conhecimento das côres.

A' luz do sol, as côres se manifestam; confundem-se nas trevas. Ausente a luz, não ha côr.

Arguí os discipulos: De que côr é esta bola? Aquella? A bola que atirei ao chão?

Separae as bolas de côres simples.

Com um pincel e uma palheta de tintas, mostrai as côres simples e demonstrei as compostas.

Ide ao quadro negro e, com o movimento circular de um bastão de giz deitado, desenhai circulos das varias côres.

Pedí que alguns alumnos apontem as côres simples e as compostas.

Reuní as sete bolas, e fazei que os discipulos, em voz baixa e apressada, pronunciem:

vermelho, alaranjado, amarello, verde, azul, anil e roxo.

Praticai a decomposição da luz por meio do prisma ou de qualquer pingente de candelabro. Tambem por meio de bolhas de sabão se chega ao mesmo resultado. A' phrase «Passem o prisma», acompanhada da pancada signal, cada criança verá as côres através do prisma que passará ao collega, evitando-se assim a indisciplina na classe.

Explicai que o arco iris, ou «arco da velha», é um prisma formado pelas gottas d'agua suspensas no ar. Fazei os alumnos citar objectos naturaes existentes ou não na classe, e que tenham as mesmas côres do prisma.

Como complemento da aula podeis fazer um exercicio de educação da visão: mostraes ás crianças retalhos, fitas, papeis de côr, flôres ou pedi-lhes as côres das peças de suas vestes. Escrevei no quadro negro nomes de côres e mandae o discipulo grupal-os segundo o tom: vermelho, verde, verde mar, verde relva, esmeralda, granada, verde ervilha, azeitonado, roxo, violeta, lilaz, etc.

Dizei aos alumnos que o sentido peio qual se distinguem as côres é o da visão e seus orgãos são os olhos, que estão situados na cavidade orbitaria. A pinta preta central do globo ocular chama-se menina dos olhos ou retina. A parte branca

chama-se alva. A retina recebe todas as impressões exteriores e transmite-as ao cerebro.

Quando dormimos, os olhos têm a protecção das palpebras, em cujas bordas estão as pestanas. Acima da cavidade orbitaria encontramos as sobrancehas, que entre outros prestimos têm o de evitar a quêda do suor nas cavidades oculares.

Ha pessoas que só vêm de perto, são os myopes; outros que só vêm ao longe, são os presbytas; e outros nada vêm, são os cegos.

Terminai a aula com a experiencia seguinte de illusão de optica.

Tomai uma folha de papel azul, rodelinhas de papel cinzeato, com as dimensões de uma moeda de vinte réis, e um quadrado

de papel de seda, bem transparente.

Collocai uma rodelinha cinzenta sobre a folha de papel azul; cobri-a com o papel fino e perguntai de que côr ella é.

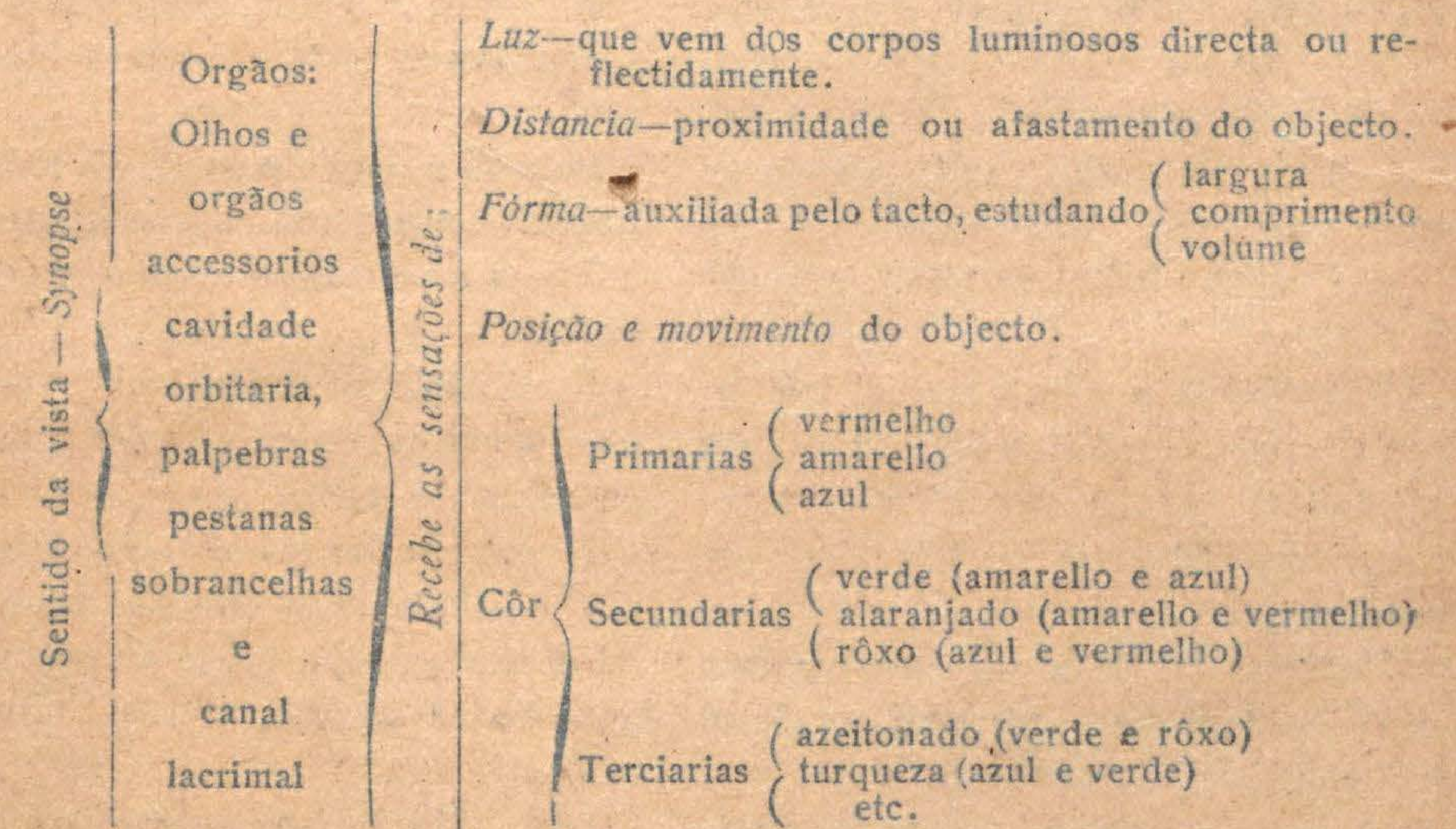
Os alumnos responderão que é amarella.

Si a tivesseis collocado sobre uma folha de papel amarello dir-vos-iam que ella era azul.

A moeda pareceria verde sobre um fundo vermelho; e vermelha sobre um fundo verde.

Não se verifica, entretanto, ahi, o phenomeno da côr complementar, que Chevreuil chamou o contraste simultaneo das côres.

Basta, com effeito, collocar sobre o papel transparente, outra rodela de papel cinzento ao lado da primeira para vos certificardes que as duas rodelas são cinzentas e que estivestes sob a influencia de uma visão.



2ª lição. O TACTO (fórma e temperatura)

E' de grande vantagem que o professor mostre os objectos e que o alumno á custa de esforço das suas proprias faculdades aprenda a fórma e receba o nome.

Material para a lição. Uma collecção de solidos geometricos, taboinhas, pedras, goni-grapho, etc., retalhos de tecidos varios.

Orientação pedagogica. Começai a aula com a noção de linha e suas combinações. Ministrada esta noção, mostrai aos discipulos objectos de aula, e arguí sob a fórma respectiva.

Tomai uma bola, entregai ao alumno; el-

le apalpará, rolando-a entre as mãos.

Levai as crianças a observar que todas as bolas têm o mesmo feitio.

Conhecido o nome de bóla, podeis ensinar o de esphera. Chamai um dos alumnos, mandai fechar os olhos e entregai uma bóla. Mandai que o alumno diga em voz clara o nome do objecto. Interrogai:

— Como concluiu? — Pegando.

— Só pegando? — Não. Rolando tambem entre as mãos.

Para que os alumnos fixem esta noção de fórma redonda, pedireis que mencionem tudo quanto conheçam com a fórma espherica.

Fazei comprehender e sentir esta fórma comparando-a com objectos differentes como taboinhas, palitos, pedrinhas, lapis...

Tomai depois a esphera, o cubo e o cylindro. Pela primeira vez a criança é obrigada a estabelecer a similhaça, a fórma, differença e materia desses solidos geometricos.

Pegai o cubo, passai a mão sobre um dos lados, dizei que é *recto* e *plano* e se chama *face*. Mandai contar o numero de faces.

As faces do cubo são planas. Passai a fixar a noção com o tampo da mesa, da carteira.

Mostrai que o cubo descança sobre uma das faces e que é *estavel*. Em cima da mesa collocai a esphera que rolará a principio e tocará na mesa apenas por um ponto: não é *estavel*. Tendo feito sentir a differença da superficie plana do cubo, dareis o nome de *cubo*. Fazei repetir as formulas que fixem estas noções: — As faces do cubo são planas. A superficie da esphera é curva.

Pegai novamente o cubo e mandai um dos discipulos passar os dedos na junção de duas faces, mostrai que se assemelha a alguma cousa cortante e em seguida dizei que se chama *aresta*.

Fazei collocar os dedos num dos angulos do cubo e ensinai que esta ponta se chama *angulo solido*.

Contai com os alumnos, em voz pausada e clara, o numero de arestas e de angulos. Experimentai manter o cubo sobre um dos angulos. Verificada a impossibilidade de o manter nesta posição, concluí dizendo que o cubo nesta posição *não é estavel*. Tomai o *cylindro*, comparai-o com o esphera e com o cubo e indagai da differença. No *cubo* as faces são planas, e quadradas; no *cylindro* ha duas faces planas circulares e, como na *esphera*, uma face curva. O *cylindro* póde manter-se numa das faces planas, como o cubo, e rola para dois lados, enquanto que, a esphera rola para qualquer lado.

Arguí os alumnos sobre objectos semelhantes ao cylindro; ao cubo, á pyramide, ao cone e ao prisma.

Vendai os olhos de um alumno; collocai, sobre a mesa, utensils de varias fórmas e fazei separal-os em voz alta.:

— Palpo uma bóla, palpo um cópo...

Aproveitai este excellenté divertimento, de vendar os olhos, para que os discipulos apprendam a distinguir pelo tacto:

substancias rigidas das brandas (cobre, cortiça); *asperas das lisas*; *macias das duras*; *quentes das frias*...

Concluí a lição, mostrando que, no tocante á fórma, o tacto é o sentido por excellencia para distinguil-a.

Pela visão tem-se a noção da fórma, mas não tão exacta como pelo tacto.

«Os cégos, dizia Diderot, têm a noção da fórma talvez mais exacta do que os que vêm».

Nota-se a sensação tactil em toda a superficie do corpo humano, mas a sensação culmina em a palma das mãos e nas pontas dos dedos.

Concluí a lição com as seguintes experiencias que servem para apreciar as differentes maneiras do tacto:

1ª experiencia — O tacto propriamente dito — Rolai uma bóla de miolo de pão, collocai-a sobre a mesa, cruzai o index e o médio de encontro á bóla, fazendo-a girar.

Será difficil fazer sentir que se trate de uma bóla.

2ª experiencia — O tacto pela pressão — Collocai um niquel no meio da frente, fazei-o vibrar, retirai a moeda sem que o alumno perceba e mandai que elle a retire.

A sensação tactil resiste por alguns minutos.

3ª experiencia — Illusão do tacto pela temperatura — Tomai tres frascos, collocai, no primeiro, agua bem quente, no segundo, agua fria e no terceiro, agua morna.

Mandai um discipulo mergulhar a mão direita na agua quente, a esquerda na agua fria e permanecer assim uns dez minutos.

Em seguida fazei-o retirar as mãos e mergulhar ambas na agua morna.

A sensação de frio persiste na esquerda como a de calor na direita sem que seja notada a nova temperatura.

Synopse — O sentido do tacto

Orgãos: Toda a superficie do corpo humano ou epiderme é sensivel ao contacto: com especialidade nas mãos e pontas dos dedos, no homem. Nos animais, nos beijos, fo-cinho (gato), tromba (elephante), antenas (insectos), etc.

Recebe o tacto sensações de :

Fórma e grandeza.
Consistencia dos corpos
Estado da superficie dos corpos (polida ou aspera).
Pressão.
Temperatura
etc.

3ª lição — O GOSTO

Deve a professora, nas explicações sobre os sentidos, fazer com que a criança adquira o habito de operar seguramente e exprimir de modo claro o seu pensamento.

Materia para a lição — Tomai assucar, sal, vinagre, fructas e balas; podendo as considerações sobre o assumpto abranger á propria merenda dos alumnos.

Neste exercicio, deveis obter dos discentes grande attenção e notaveis respostas.

- Assim podeis dizer: — Que come V.?
- Saboreio uma banana.
- Provo assucar.
- Gosto do sal do meu bife.
- Saboreio pão...

Ensinai a discernir só pelo sabor as sub-

stancias: *acidias* (vinagre, limão), *amargas* (macella, giló, etc.), *adstringentes* (fructas verdes, tanino), *picantes* (pimenta, cravo da india, ariticum) e outros.

O gosto é também chamado paladar e tem por orgão a *lingua*, cuja superficie está cheia de *papillas*.

Para que uma substancia, introduzida na bocca, seja sávida, é necessario que vá dissolvida ou se dissolva na saliva.

As unicas sensações gustativas verdadeiras são dadas pelas substancias: *assucaradas*, *amargas*, *azedas*, ou *acidias*.

Mostrai a razão por que as pessoas indeluxadas não têm noção exacta do sabor.

Concluí a aula com uma *experiencia*.

Os enganos produzidos pelo contraste a esse sentido são muito frequentes. Tomai, por exemplo, um cópo com agua levemente salgada ou avinagrada; provai a agua commum e em seguida, a avinagrada ou salgada. Bebei, depois, uma porção de agua commum que parecerá fresca e deliciosa, ao passo que, da primeira vez, parecia insipida.

Synopse — O gosto

Orgãos: A lingua, as paredes da boca e a saliva

Apresenta sensações:

acres (vinagre, limão, etc.)
picantes (pimenta, cravo, canella)
adstringentes (fructas verdes, pedra hume e tanino)
amargas (camomilla, giló, quassia)
salgadas (sal)
assucaradas (assucar)
alcalinas — (potassa, cujo gosto é como o do sabão e que é, como elle venenosa, sendo necessaria cautela com taes substancias.)

4ª lição — O OLPHATO

Assim como procedemos nas outras lições, faremos com o olphato.

Material para a lição. Podeis aproveitar as flôres de vossa mesa, vosso lenço perfumado e ainda mais: camphora, mostarda, iodo, vinagre e alcool.

Orientação pedagogica — Chamai a atenção dos alumnos para os differentes corpos *odoríferos* e *inodoros*, desde o perfume das flôres aos cheiros *intensos* da hortelã-pimenta, mostarda, camphora, e outros, mais *brandos*, como o alcool, a gazolina, e ainda os *irritantes* e *suffocantes*.

Fazei a proposito a recommendação de que o alumno não deve em tudo mergulhar o nariz, podendo, muitas vezes, adquirir doenças ou correr risco de vida.

Dizei ás crianças que o odôr é percebido por um sentido chamado *olphato* e que, em geral, completa o gosto. O sentido do olphato presta grandes serviços ao homem como aos outros animaes, porque assignala de longe as substancias perigosas ou as uteis.

Dizei que o cão tem este sentido desenvolvido, ao ponto de conhecer, á grande distancia, o dono ou as pessoas com as quaes convive.

Nos animaes é denominado o olphato de *faro*.

Podeis citar outros animaes typicos, cujo olphato é desenvolvido.

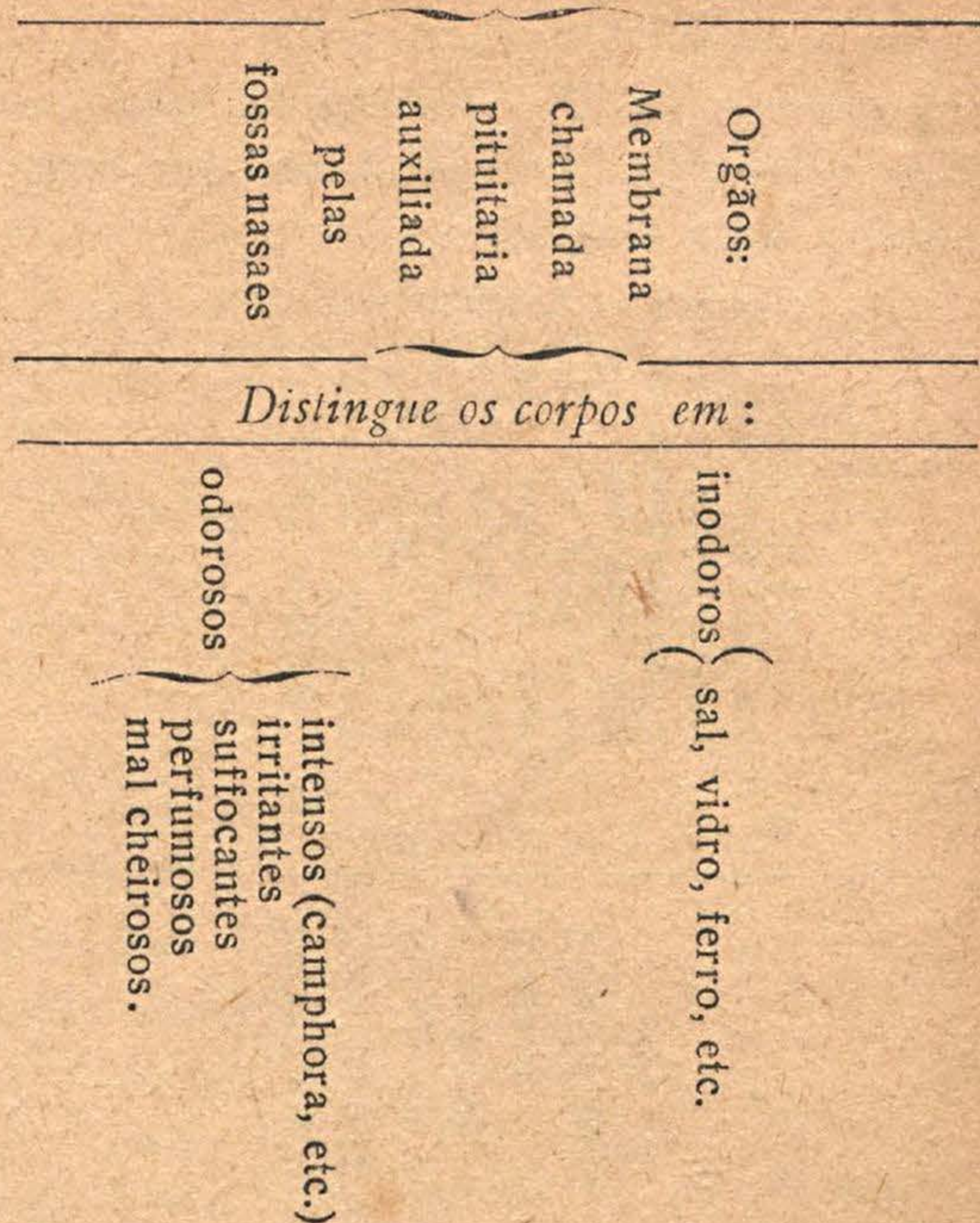
Terminai com a seguinte experiencia:

Tomai uma tablette de camphora, collocai-a em frente do nariz de um alumno; mandai-o prender a respiração: não perceberá o cheiro.

Dizei, que solte a respiração e o menino verificará o cheiro intenso.

Concluireis dizendo que o ar unicamente abre as cellulas sensiveis que constituem a sensação de odôr.

Synopse — O olphato



5ª lição — O OUVIDO

Material para a lição. Cópo, colher, uma sineta, fios de linha ou barbante, campainhas, régua, caneta com penna, etc.

Orientação pedagogica — Tomai uma caneta com penna. Enterrai a caneta, pela penna, na posição vertical, fazei a caneta vibrar; todos os alumnos notarão o movimento deste objecto. Direis em seguida que é um *movimento vibratorio* e que si fosse a caneta um corpo sonoro, teriam os discipulos ouvido a producção do som.

Explicai que o movimento de um corpo, quando é sonoro, agita o ar, e esse abalo encontra uma membrana no ouvido, especie de tambor, que vibra e nos faz sentir o som.

Batei com a régua na mesa, ou um lapis, no cópo; tocai a sineta, vibraí a campainha e fazei que as crianças distingam os sons.

Mostrai a differença entre o som de um piano e o de outros instrumentos de corda; o canto humano e os cantos dos passaros ou o grito de outros animaes.

Estes exemplos permitem a noção de *timbre*.

Indagai da criança o que sente ao ranger de um gonzo, de um lapis de encontro á ardosa, de um amolar de facas, e mostrai que a sensação desagradavel experimentada constitue o *ruido*.

Indagai dos discipulos si já perceberam o que acontece quando falam em uma sala em voz alta em frente a uma das paredes?

Proseguí em considerações, até que um delles diga que ouve um *zum... zum...*

Concluí que este acontecimento se chama *resonancia*.

Explicai que quando falamos em voz alta, ao ar livre, em frente a algum muro, succede ouvirmos novamente as nossas palavras e chamamos a este facto de *écho*.

Mostrai, ás crianças, que os sons podem ser: altos ou baixos, fortes ou brandos...

Dizei que quanto maior fôr a distancia tanto menos intensa será a audição dos sons ou ruidos.

Exemplificai, dizendo aos alumnos que, ao nos approximarmos de uma cascata, o barulho das aguas é ensurdecedor, ao passo que irá diminuindo ao nos afastarmos.

A audição tem por órgão o *ouvido*, com o auxilio do *tympano*, que é uma membrana que separa o exterior do interior do ouvido, cuja parte externa é a *orelha*.

E' de grande utilidade que o alumno comprehenda que sem ar não ha som.

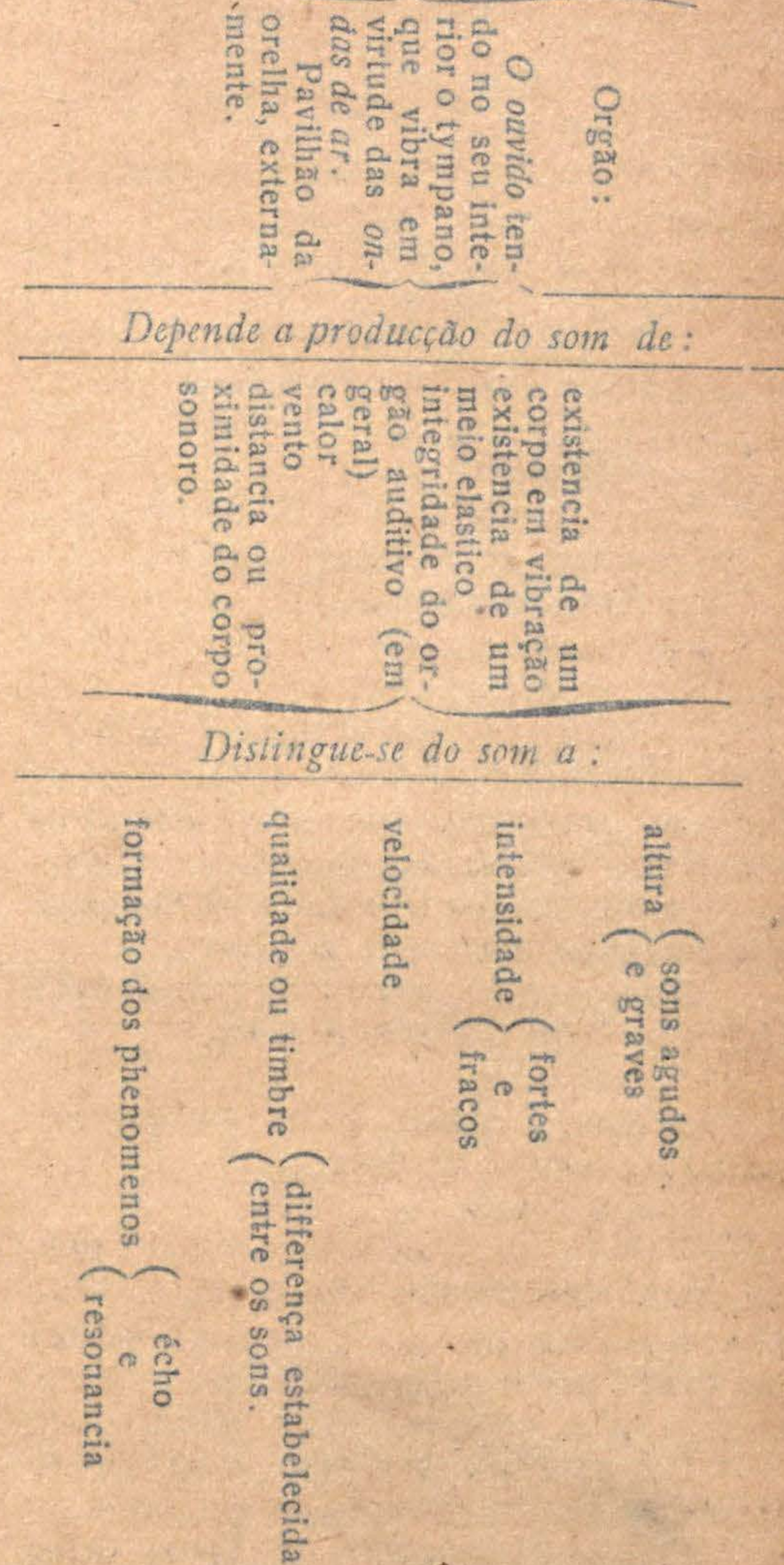
Recommendai tambem aos alumnos evitarem o perigo de enfiar objectos no ouvido, habito que lhes pode ser das mais danosas consequencias.

Concluí a presente lição com uma *experiencia*.

Tomai um fio; predeí-o a uma colher e passai cada extremo delle, em volta das orelhas de um alumno.

Balançai a colher e o discipulo terá a impressão do toque de sinos.

Synopse — O ouvido



Observação

O quadro synoptico, por que termina cada lição sobre os sentidos, deve ser feito no quadro negro pelo professor, afim de que os alumnos o copiem e, conservando-o de memoria, delle se sirvam como meio mnemonico.

Azurita R. de Britto.

HYGIENE (1º anno)

(2ª Palestra)

LAVAGEM DO ROSTO

Tratando-se dos deveres para com o corpo, não poderemos esquecer os que dizem respeito ao rosto.

Zulmira, qual é a parte do nosso corpo que se chama rosto, cara, physiologia?

— E' a parte anterior da cabeça.

— Muito bem!

Ermelinda, que vê você no rosto da Zulmira?

— Os olhos, o nariz, a boca, as maçãs do rosto, etc..

— Olivia, que cobre todas essas partes enumeradas por Ermelinda?

— A pelle.

— Perfeitamente.

Como lava você a pelle de seu rosto, ou melhor, como lava o rosto?

— Passando agua.

— Isso só chega?

— Penso que sim.

— Não; nem sempre isso é só sufficiente e bastante. O rosto, sendo a parte do nosso corpo mais exposta e sem protecção por vestimenta, precisa ser lavado constantemente e muitas vezes com alguma cousa mais que a agua.

Que devemos usar com a agua para lavarmos bem o rosto, Afranio?

— Sabão.

— Sim, o sabão. Sabe você porque usamos o sabão na lavagem?

— Para fazer escuma.

— Não; se fosse somente para esse fim, não deveríamos empregar-o. Usamos o sabão porque a gordura (sebo) que existe em a nossa pelle, em presença delle sahe, solta-se, isto é, dissolve-se.

Diz-se desta maneira: o sabão em presença d'agua dissolve as gorduras.

Ficou admirada de me ouvir dizer que ha sebo na pelle, Adelia?

Pois ha, e se não fosse elle não a teriamos macia, flexivel.

Vejamos agora como devemos proceder na lavagem dessa parte do corpo: primeiro molha-se o rosto, em seguida passa-se o sabão e depois de o enxaguar, deve-se enxugar-o perfeitamente.

Para ensaboarmos o rosto, em vez de passarmos o sabão na mão e depois na face, como se faz habitualmente, podemos esfregal-o num panno bem limpo e a seguir friccionar o rosto com esse panno.

Nessa limpeza não devemos empregar a esponja, porque alem de receber e conservar microbios, possui ás vezes asperezas (felpas calcareas) que podem produzir fermentos na pelle.

Depois de lavado o rosto não é necessario passar-lhe cremes nem pó de arroz porque esses preparados contêm

quasi sempre substancias irritantes e até venenosas.

A lavagem do rosto é importantissima, pois, por meio della, retiramos o pó, o sebo e o suor que existem sobre a pelle, que iriam irrital-a e que causariam nojo aos nossos semelhantes se ahi permanecessem. Ella tambem desimpede os póros facilitando a transpiração.

Por ventura haverá alguém que goste de conversar com pessoas sujas?

Leonardo, gosta de sentar-se junto de collegas que não tenham o devido asseio?

— Não, senhora.

— Vejam! até vocês, que são pequeninos, não supportam os menos asseados, os meninos que não são limpos.

No tratar com os nossos semelhantes, o asseio é uma condição indispensavel, uma attenção para com o proximo.

O rosto sujo póde causar molestias, doenças.

Ary, sabe o que faz doença?

— Não, senhora.

— Pois bem, a doença é quasi sempre produzida por seres vivos, animaes ou vegetaes, infinitamente pequenos, tão pequenos que não os podemos ver com os olhos sómente. Para observarmos estes seres (pode dizer-se o nome) — microbios — precisamos de um aparelho especial: o microscopio. Este augmenta, tornando grandes, taes seres e assim os conseguimos ver perfeitamente.

Vocês, quando olham as figurinhas de cigarro sem aparelho, quasi nada vêem, mas pondo-as naquelle instrumento que augmenta (estereoscópio) ellas se tornam grandes e vêem melhor; assim são os instrumentos para se verem os microbios: fal-os maiores do que são uma infinidade de vezes.

Agora que recordamos o que já sabemos sobre os microbios, germens productores de molestias, vamos ver o que pode acontecer aos meninos que não lavam o rosto todos os dias, principalmente pela manhã e á noite.

Ao deitarmos com o rosto sujo, nelle levamos microbios, que, penetrando em nosso corpo, pelo nariz, bocca, etc., nos causam molestias terriveis como: a tuberculose, a cholera, o typho, a peste, etc..

Synthese

E' necessario que lavemos o rosto pelo menos duas vezes ao dia: uma ao levantarmos da cama, pela manhã, e outra ao deitarmos, á noite.

A. A.

Villa de Paris

Uniformes e enxovaes completos para collegiaes. Fornecedores dos principaes collegios da Capital e dos Estados, Fornecemos gratuitamente informações e estatutos de todos os collegios do Brasil,

sendo sufficiente que os directores dos collegios nos enviem estatutos e todos esclarecimentos necessarios.

Rua Buenos-Ayres, 76 e 78

Rua Ourives, 35

Rio de Janeiro

O melhor para as crianças com lombrigas

O Vermifugo EMIL é um xarope de sabor agradável e de efeitos seguros nas lombrigas e varias especies de ascarides.

E' completamente inoffensivo; não é irritante, a exemplo dos vermifugos oleosos.

E' preparado com vegetaes da flora brasileira, dos que são usados pelas commissões medicas do interior dos Estados, e, por isso, destróe todos os vermes, inclusive o anachylostomo.

Mas ainda mesmo quando as creanças nervosas e insomnes não expillam bichas, usando o Vermifugo EMIL, conseguem, com o seu uso, a calma e o dormir tranquillo.

O Vermifugo EMIL serve em qualquer caso, em creanças e adultos. Não tem dieta.

A venda nas principaes pharmacias e drogarias. Preço: vidro 2\$500; pelo Correio, 3\$500.

Deposito geral: Rua Uruguayana N. 66. Perestello & Filho.

Chocolate e café

Só

ANDALUZA

A MALA CHINEZA

Fabrica de artigos para viagem, pastas para collegiaes, musica, etc.

61 - Rua do Lavradio, 61

Telephone C. 1082

CASA GUIOMAR Calçado dado 120, AVENIDA PASSOS, 120

ULTIMA NOVIDADE



Fortissimos borzequins em vaqueta escura, sola dupla, proprios para collegiaes.

Preços de reclame

De 18 a 26 8\$000
De 27 a 32 9\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par



Sapatos ALTIVA, em kanguru, preto e amarello, criação exclusiva da CASA GUIOMAR, recommendados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto.

De 17 a 25 5\$000
De 27 a 32 6\$300
De 33 a 40 8\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par

Já se acham promptos os novos catalogos illustrados, os quaes se remetem inteiramente gratis a quem os solicitar, rogando-se toda a clareza nos endereços para evitar extravios. Os pedidos podem vir juntos com a importancia na mesma carta registrada com valor ou em vales do correio, dirigidos á firma Julio de Souza, successor de Graefi & Souza — AVENIDA PASSOS, 120 — RIO.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

EXTRACTO DO CATALOGO

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$500
2º Livro de Leitura.....	\$800
3º Livro de Leitura.....	\$800
4º Livro de Leitura.....	\$800

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2º Livro de Leitura.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica.....	1\$500
1º Livro de Leitura.....	2\$500
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura.....	1\$500
Cartilha.....	1\$800
Leitura Preparatoria.....	2\$500
1º Livro de Leitura.....	3\$000
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	4\$000
Leituras Praticas.....	1\$500
Fabulas (em verso).....	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2º anno.....	2\$500
Leitura para o 3º anno.....	2\$500
Leitura para o 4º anno.....	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$000
1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura.....	\$600
Novo 1º Livro de Leitura.....	1\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

SABINO e COSTA e CUNHA

Expositor da Lingua Materna.....	1\$000
Segudo Livro.....	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler.....	\$500
2º Livro de Leitura.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$000
Excursões escolares.....	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro.....	1\$500
Vida Infantil 2º Livro.....	2\$000
Vida Infantil 3º Livro.....	2\$000

COLLEÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro.....	1\$000
Novos Principios de Leitura.....	1\$000
Guia da Infancia, 1ª parte.....	1\$000
Guia da Infancia, 2ª parte.....	1\$000
Guia da Infancia, as 2 partes.....	1\$800
O 1º livro de André 1ª parte.....	2\$000
O 1º livro de André 2ª parte.....	2\$000
Compendio de Historia Sagrada.....	2\$000
Noções de Sciencias.....	2\$000
Anthologia (3º livro da coll.).....	2\$500
Anthologia (4º livro da coll.).....	4\$000
E. DE AMICIS—Coração.....	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente.....	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios.....	3\$500
" " Patria Brasileira.....	3\$500
" " Theatro Infantil.....	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes.....	1\$500
Novos Amigos.....	2\$000

CORREIA e BARRETO—Era uma vez.....	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares..	2\$000

BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar.....	4\$000
---	--------

ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar.....	3\$500
--	--------

TRANCREDO AMARAL

Livro das Escolas.....	3\$000
------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional.....	5\$000
--------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Antologia Brasileira.....	5\$000
---------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	3\$000
Selecta Classica.....	4\$000

DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico..	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta.....	1\$500

A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica.....	2\$500
OLAVO BILAC — Poesias Infantis.....	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Crianças...	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras...	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis,
para todo o Brazil